

# Porto dos Cavaleiros

Directores: José Domingues e Américo Rodrigues

Castro Laboreiro e Lamas de Mourão



Preço: 1€

## A Porta Poente da Igreja de S. João de Lamas de Mourão



É tradição, bastante antiga, que a igreja de Lamas de Mourão era a mais antiga do concelho de Melgaço e aqui se vinham a enterrar os defuntos de lugares muito distantes, desde os arrabaldes de Melgaço. Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 ficou registado que os antigos diziam ter sido uma *mesquita de mouros*. O P.º Carvalho da Costa, na sua ingente *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*, do início do século XVIII, assentou que “*Dizem que algum tempo foy esta Igreja de Templários*”. No entanto, até à data, ainda não surgiram quaisquer comprovativos destas tradições, quer quanto à sua veracidade, quer ainda quanto à sua origem mourisca ou templária.

*Continua na pág. 10*



### Memórias de um Castrejo:

“No seu tempo de criança era um centro de convivência onde os muitos vizinhos se juntavam para conversar no fim dos dias de trabalho.”

Pág. 3

### Uma vida inteira juntos:

“Um dia a tia Esperança tinha ido com a mula buscar uma carga de milho à Melgaço e como tinha um filho muito pequeno levou-o com ela no fãteiro. Chegou as Labagueiras e um guarda prendeu-a a ela, à mula e à mercadoria”

Pág. 7

### Um dia no forno de lantemil:

“Antigamente havia o costume nos nossos lugares de fazer uma formada de pão quando morria alguém. Esse pão era depois distribuído no caminho”

Pág. 9

### A porta poente da Igreja de S. João de Lamas de Mourão:

“A simbologia romântica intimamente associada a uma arquitectura popular, fruto da imaginação, fez dos seus canteiros construtores, qstista a mais remota hipótese de uma interpretação concisa e uniforme.”

Pág. 10



## Espaço aberto

# Poluição no rio de Castro Laboreiro

As questões ambientais são hoje e no futuro um tema na ordem do dia. Falar de ambiente passou a ser um assunto quase obrigatório do quotidiano.

Em Castro Laboreiro ainda não é assim, mas já existem muitas pessoas que pensam e discutem ambiente e que discordam e reprovam muitas das práticas habituais nossas das últimas décadas: Incêndios, envenenamentos, poluição, abertura de estradas desnecessárias, construções aberrantes, construções fora dos lugares em zonas que não devia ser permitido construir, corte ou abate de grandes áreas de carvalhos, plantação de árvores que não são autóctones, morte indiscriminada de animais selvagens, destruição das paisagens culturais, etc. No fundo é todo o ecossistema que esta em causa.

Nos últimos números do jornal tenho aflorado alguns destes problemas que existem e são reais. Neste número decidi escrever umas notas sobre o rio, a exploração e a gestão da água, que me parece serem temas prioritários e que se juntam a muitos outros que pretendemos tratar nestas páginas.

Queria também deixar bem claro que por princípio, as crónicas deste jornal não visam ninguém em particular, individualidade ou instituição. Tentam ser palavradas construtivas, de sensibilidade, reflexão e de alerta para todos, pessoas e instituições.

Apesar de saber da evidente preocupação da Câmara Municipal de Melgaço e da Junta de Freguesia em tentar resolver os problemas de saneamento básico, no concelho e na freguesia, os maus cheiros e as descargas poluentes no rio Laboreiro, estão a acontecer, principalmente no lugar da Vila e aumentam de ano para ano.

O "problema é grave", e exige uma solução urgente. Em finais de Julho e início de Agosto, deste ano, os odores junto à ponte do lugar da Vila eram intensos. Os cheiros e a água tur-

ba prolongavam-se algumas centenas de metros em direcção ao Salto do Gato, ou seja a jusante da estação de tratamento.

Vai para três anos, no mês de Agosto, várias pessoas que tomavam banho na zona de Menjoeira, já repararam que existiam algumas manchas estranhas na água de dimensões razoáveis. Intrigadas e desconfiadas deslocaram-se aos moinhos da Vila, por baixo da ponte românica e encontraram uma poluição imagnável.

Este ano, se não tem vindo a chuvia a meio do mês de Agosto a situação já era grave. Passando na ponte nova da Vila, de carro e vidros abertos, o cheiro nauseabundo era sentido. Aos odores incómodativos, soma-se a tristeza de ver a poluição aumentar no rio de ano para ano. É um crime ambiental e social.

Que se passa com a ETAR? Não funciona correctamente? Tem infra-estruturas de reduzi-das dimensões para as águas que recebe? Encontra-se estragada? E as outras estruturas, como a da curva de Picotim, funcionam correctamente?

Sou um leigo na matéria, não conheço nada do projecto, não conheço nenhum portenor técnico, só sei que nos meses de verão o rio é poluído, e nos restantes meses o caudal de água canalifa "a porcaria", que se lhe junta.

Como todos sabemos o número de pessoas ligados à rede tem vindo a aumentar. No verão chegam à Vila centenas ou milhares de turistas para comer e dormir e este número vai aumentar. A pressão turística é evidente.

Num futuro breve também algumas indústrias familiares novas vão estar ligadas à rede, ou seja vai haver cada vez mais uma sobrecarga de águas poluentes para tratar. O problema vai-se agravar. O turismo e as pequenas indústrias familiares são indispensáveis para criar postos de

trabalho e fixar pessoas, no entanto é necessário criar infra-estruturas modernas para as suportar.

Além disto, ainda existe o hábito de enviar tudo o que não presta para as corgas e para o rio. Por isso as nossas corgas à beira dos lugares, no verão, são uma porcaria e o rio, basta deslocar-se a qualquer ponte e ver as baelias velhas, as sucatas, as garrafas, os plásticos, as cabeças de animais mortos, etc. Uma miséria. Muito poucos parecem preocupados com isto.

O rio devia ser um santuário ecológico com poluição zero. Nos índices de avaliação da qualidade de vida de um povo aparece sempre: Poluição e água.

A consciencia destes problemas deve levar as pessoas a pensar a adopção de medidas correctas e concretas. Não deixou de sublinhar que estamos inseridos no único Parque Nacional deste país. A "visão", as estratégias e a sensibilidade para estes problemas devia ser outra.

Dizem os especialistas que os problemas relacionados com água vão aumentar por todo o mundo, neste século em que vivemos. Este líquido é cada vez mais precioso e mais cobijado. Na nossa terra, neste nosso mundo à parte, os problemas serão pequenos, no entanto já existem e tendem a ser agravados, principalmente nos meses de verão.

Sempre existem conflitos por esta causa, a água, antigamente ligados à rega dos campos e prados, hoje em dia estarão mais ligados ao conforto e ao bem-estar.

Em Castro Laboreiro já se vendem olheiros particulares por alguns milhares de euros, que são bem disputados, basta atender que alguns são entubados para km's de distância, com grandes custos para quem os compra.

Consequência grave: Alteração do seu percurso de sempre. O caudal do rio e das corgas, nos meses de verão é baixíssimo.

Cada vez parece chover menos, as nevadas deixaram de aparecer, muitos nascentes tem vindo a ser canalizados e outros deixaram de "botar", visto que de ano para ano deixou de haver quem os limpe.

A maioria das levadas e dos pântanos (património de interesse local a preservar) estão ao abandono.

Algumas corgas alteraram os seus percursos ou quase não correm. Por exemplo a corga das Lamas, que nasceu nas Roçadas no verão desparece. Quando eu era pequeno corria uma levada de água para vários prados. Outros exemplos podiam ser apontados por toda a freguesia.

As fontes dos lugares (património de interesse local a preservar), outrora um local importantíssimo até do ponto de vista social, hoje em dia, muitas delas estão abandonadas e sujais e no verão quase não tem água.

Em relação à água dita potável para a população, é de salientar que vários lugares na freguesia não tem água canalizada, outros, devido à exploração e canalização rudimentar que fizeram, tem falta de água nos meses de verão.

É de referir que a maioria dos lugares que tem água canalizada foi por iniciativa própria, com algumas ajudas de material. Não existiu qualquer plano ou projecto técnico onde tudo fosse estudado e ponderado. Poucos são os lugares com água a correr todo o ano.

Por exemplo, não entendo porque é que as instalações modernas construídas no alto da Tesa (entre o lugar dos Portos e da Seara), para a captação e distribuição de água e que devem ter custado bastante dinheiro, não "botam" uma pinga de água. Não funcionam desde a sua construção! Alguém devia explicar isto às pessoas.

Quem pondera a captação indiscriminada de nascentes que são de todos?

Quem é o responsável ou os responsáveis pela "morte" do olheiro dos augueiros, por exemplo? A verdade é que ele desapareceu.

Castro Laboreiro tem centenas de olheiros espalhados pelos seus montes, apesar de a maioria desparecer no verão. Quais são as terras em Portugal que se podem gabar disto?

Uma aventura fascinante na nossa terra é acompanhar o ciclo das águas na natureza ao longo das várias estações do ano.

Alguém pode imaginar a beleza e o encantamento do olheiro da fonte da uzeira num dia de sol de inverno?

Alguém de idade, um dia, disse-me que por mais anos que andasse no monte, descobriria sempre um novo olheiro (nascente). Que ia morrer sem os conhecer a todos.



A exploração da água deve ser pensada, ponderar sempre os aspectos positivos e negativos, avaliando sempre as consequências de tal empreendimento, seja ele particular ou público.

O controle da poluição passa por uma grande diversidade de medidas, da imposição de regras às actividades industriais e do investimento em equipamentos de reciclagem até aos pequenos gestos do quotidiano.

Sobre os problemas da água muito há a dizer. Deixo aqui um desafio a todos os interessados para falar e escrever sobre este assunto, que devia ser preocupação de todos.

Concluindo: Somos cada vez menos, há cada vez menos animais, o nosso rio e as nossas corgas levam cada vez menos água e a palavra poluição já faz parte do nosso vocabulário.

*Américo Rodrigues do Outeiro*

<p><b>Construções Domingues</b></p> <p><b>Compra e Venda de Apartamentos</b></p> <p>Tel.: 936 510 857 Tel: 251 403 433 Vila - 4960 Melgaço</p>	<p><b>Placco +</b></p> <p>De: Castro Alonzo &amp; Gonçalves, L.da</p> <p><b>DIVISÓRIAS</b> <b>TECTOS FALSOS</b> <b>ISOLAMENTOS</b></p> <p>Tlf: 251 666 760 Tlms: 966 659 403 / 962 290 763 / 934 699 419 Cruzreiro - Rbedlm 4950-010 Monção</p>	<p><b>FUMIERO TÍPICO E TRADICIONAL</b></p>  <p>Rodeliro 4960- Castro Laboreiro Tel.: 251 465 513 (Res.) 251 465 683</p>	<p><b>Supermercados Domingues</b></p>  <p>Loja Nova - 4960/558 Melgaço Tel.: 241 402 419</p>
--	---	--	---

Publicidade



# MEMÓRIAS DE UM CASTREJO

## Por Manuel Domingues (Mouran)

**O Terreiro de S. Bento \***  
Ao chegar a Portelinha, porta de entrada na freguesia de Castro Laboreiro, em plena primavera de 2004, o Manuel parou alguns instantes perante o cenário de verdura do Vale do Vído.

À direita a cordilheira da Franqueira marcava o limite da freguesia e garantia a proteção do vale contra as intempéries vindas da serra da Penada, enquanto do lado oposto os montes, descendo das Quatro Fontes e de Formigueiro terminavam numa ligeira colina onde se espreitava o Lugar de Várzea Travessa, o defendiam dos ventos do nordeste. Nos campos, já segados, pastavam vacas e ovelhas, fazendo ouvir o tilintar das pequenas campainhas e o badalar dos chocalhos, chegando aos seus ouvidos como uma melodia de encantamento.

Passados tantos anos voltava a sentir a magia das coisas simples da sua terra! Continuou, mais meio quilómetro, pela estrada ladeada de vidos cujas copas chegavam a formar túneis de verdura sobre o asfalto e virou à esquerda para o caminho empedrado com escassos cinquenta metros, em direção ao largo de S. Bento, onde tradicionalmente começava o lugar de Várzea Travessa.

A encosta de Sabariz, à sua esquerda, e as bermas do caminho estavam peijados de árvores frondosas, entre as quais reconheceu alguns vidos e carvalhos, mas sobretudo muitos pinheiros, tipo cipreste, de copa

esguia e pontiaguda, marcando a paisagem com o seu aspecto exótico e individualizador e abafando os azevinhos que teimosamente reclamavam o acesso aos raios solares.

Chegado ao Largo deparou com a capela de S. Bento em fase de pintura, com vista à Festa a realizar dentro de três semanas. O dia consagrado pela Igreja ao S. Bento era o 11 de Julho, data tradicional da Romaria. No entanto, há alguns anos atrás, os organizadores resolveram transformá-la em festa móvel, escolhendo o domingo mais próximo do dia 11 de Julho, de forma a facilitar a vinda de castrejos fixados noutras regiões, nomeadamente em Braga, sem possibilidades de o fazerem num dia de semana.

A porta estava aberta e resolveu entrar. Surpreendido deparou com o interior totalmente modificado. O altar de madeira, servindo de trono a S. Bento, fora substituído por uma bancada de pedra polida na qual assentavam três nichos do mesmo material e semelhantes aos dos jazigos proliferando no cemitério paroquial.

Ainda ficou mais espantado com a nova imagem de S. Bento em barro, colocada no nicho central, em substituição da secular escultura de madeira com manto e báculo dourados. O chão, outrora em lajes de pedra, estava revestido por mosaicos vidrados de tom esverdeado, e o mobiliário, em madeira de carvalho e destinado a guardar os paramentos, roupas e utensílios necessários ao culto, tinha dado lugar a uma arca

moderna com ferragens de latão e a uma cómoda de igual teor. O forro de madeira fora substituído por um tecto em cimento e gesso e todo o interior pintado de branco.

O Manuel não conseguiu esconder a sua mágoa perante a falta de respeito pela setecentista casa de S. Bento, que embora austera e simples, tinha dignidade, convidando ao recolhimento e ao diálogo com o Patrono, e cuja construção remontava a meados do século dezoito, quando em Abril de 1745 o Pe. Domingos Alvares, de Várzea Travessa, solicitou autorização para erigir uma capela para S. Bento, oferecendo como dote o seu barbeito de Paradela. Argumentava que no inverno as 84 pessoas do lugar, e de outros vizinhos, tinham muitas dificuldades em deslocar-se à Igreja Paroquial por causa das enchentes dos três regatos que tinham de atravessar.

Assim em 11 de Agosto de 1745 teve lugar o registo da autorização e o dote do referido padre para erigir a capela. Agora apresentava-se descharacterizada pelo modernismo troilha, e perante aquele ambiente sentiu-se deslocado.

Desiludido, sentou-se nos degraus do coreto em cimento, também produto do novorriquismo, e construído ao lado da mina de água, donde partia o caminho para Sabariz.

A pouco e pouco a amargura foi-se desvanecendo da sua mente, arrejada pela lembrança de factos relacionados com aquele lugar mítico da sua infância.

um outro onde as mulheres lavavam a roupa e um terceiro armazenando a água final para os vizinhos regarem as hortas espalhadas em volta do largo de S. Bento e ao lado das casas, em forma de espinha, e às quais chegava percorrendo o lugar, através de uma vasta rede de regos empedrados ou encaçados e intercomunicáveis, penetrando nas hortas através de tolas feitas nas paredes.

No seu tempo de criança era um centro de convivência onde os muitos vizinhos se juntavam para conversar no fim dos dias de trabalho, enquanto esperavam a hora da ceia, ou quando os afazeres o permitiam e onde as mulheres, sempre apressadas, trocavam algumas palavras entre si quando vinham encher os canecos e os baldes de água limpa para o governo da casa. Ali também se realizavam várias reuniões, umas destinadas à resolução de assuntos de interesse comum, outras para tratar de negócios e até mesmo de projectos pessoais, só conhecidos dos próprios e do silencioso confidante S. Bento. Na porta da capela, por onde todos passavam, eram afixados os editais e outros papéis com informações de interesse geral.

Mas o recinto acolhia igualmente iniciativas ligadas à diversão, servindo para realizar bailes, quando o tempo o permitia, ou para os homens jogarem as suas partidas de calbo. As crianças elegeram-no como sítio preferido das suas brincadeiras, desde o eixo à macaca,



Capela de S. Bento

Continua na pág. seguinte

<p><i>Publicidade</i></p> <p>Hotel - Restaurante - Discoteca</p> <p><b>Don Pepe</b></p> <p>José González Sousa Ischael Pérez Alvarez</p> <p>Avda. Santa Maria La Real, 44 32800 ENRIQUIM (Ourense) Tel.: 0034 988 134 615 - Fax: 0034 988 134 782 Movil.: 0034 629 369 891</p> <p>www.donpepe.com</p>	<p>Amabelia Rodrigues &amp; Fernandes, Lda</p> <p>Compra, Venda e Permuta de Apartamentos e Lojas</p> <p>R. Padre António J. Barreiras N.º16, 3.º Esq. 4700 Braga Tlm.: 9631012893</p>	<p>Joel Conde &amp; Fernandes, Lda</p> <p>CONSTRUÇÃO CIVIL URBANIZAÇÕES</p> <p>R. do Calres, 305 1.ª Sala 13 4700-206 Braga Tlm.: 914765665</p>	<p>Isolamentos Araújo</p> <p>De: Aniceto Gomes Araújo</p> <p>Marquise em alumínio Estruturas metálicas Tectos Falsos Isolamentos Coberturas</p> <p>Tlf. 253 952 179 - Tlm. 962 661 465 Lugar da balta sequidade - 4750 Barcelos</p>
---	--	---	---

*Continuação da pág. anterior*

e onde podiam conviver despreocupadamente com os adultos. Anualmente servia de palco à Festa.

A Festa de S. Bento era uma das poucas da freguesia com dia fixo, em 11 de Julho, altura de aperto nos trabalhos agrícolas, e só o facto de resultar de uma associação de três lugares populosos, e sobretudo com muita mocidade, a transformava numa das mais concorridas da freguesia, atraindo devotos e folgozões de vários locais.

Para o Manuel o S. Bento tinha um significado muito especial, porque desde muito pequeno se habituara à sua vizinhança benfazeja e a ouvir a sua invocação protectora em alturas de aflição, pela mãe e pela avó.

De facto, a nascente, a Capela emparelhava com as casas pertencentes ao seu avó, numa das quais vivera até aos quatro anos, antes de ir para as Coriscadas. Assim, de manhã, ao levantar-se e descer as escadarias de pedra, deparava com o S. Bento como primeiro vizinho. Ao invés a última visão do mundo exterior, quando à noite subia as mesmas escadarias para se recolher em casa, era constituída pelo vulto da cruz da Capela, debaixo da qual se aninhava silenciosamente a sineta e cuja sombra, nas noites de luar, se projectava até ao pequeno pátio, onde começavam as escadarias.

A caminho da Escola, e na hora do almoço em casa dos avós, tinha de passar em frente à Capela e, muitas vezes, quando algo o angustiava, parava e através da janela rasgada na parede de granito espreitava a imagem tranquila de S. Bento, envolvida numa penumbra dou- rada pelos reflexos do altar, das próprias vestes e do báculo, e sempre disposta a ouvir os seus murmúrios de pedido de ajuda.

Na véspera da Festa, pediria à mãe para ir dormir a casa dos avós, e assim naquela tarde, ao chegar falou à avó a correr, e foi espreitar a Capela, onde algumas raparigas enfeitavam o andor sobre o qual a

imagem iria ser transportada na procissão do dia seguinte.

Aproximou-se do Santo, apeado do seu altar, e de forma concentrada e discreta, falou com Ele em silêncio durante alguns minutos. Terminado o monólogo, saiu da capela, com ar meditativo, dirigindo-se ao banco de pedra colocado ao lado da mina e destinado a apoiar o enchimento das vasilhas utilizadas pelos vizinhos para levarem a água para casa, naquele momento sem ninguém. Estava completamente absorvido nos seus pensamentos, quando o largo foi invadido por uma algazarra, interrompendo abruptamente a sua meditação.

Tinham chegado os gaiteiros, de Parada do Monte ou da Galiza e começaram logo a tocar músicas, tendo como assistentes muitas crianças e alguns adultos de passagem para casa após os afazeres agrícolas.

Entretanto apareceram os responsáveis pela instalação sonora. Foram ao avó pedir uma escada para colocar os altifalantes e instalaram três na cruz da capela, orientados de forma a espalharem o som em todas as direcções, estendendo ainda uma rede de fios eléctricos, à volta do templo e em parte do terreiro, na qual penduraram dezenas de lâmpadas pequenas.

Depois puseram o gerador de electricidade a trabalhar e o largo de S. Bento ficou inundado de luz, ofuscando a pálida claridade da tarde, anunciadora da chegada da noite.

Os mordomos deram ordem para lançar os primeiros foguetes, e os altifalantes começaram a atroar os ares com saudações e música folclórica, interrompendo o cadenciado desfilardas cantigas nocturnas das cigarras.

Lentamente iam-se chegando mais pessoas, e o recinto animava-se. Cerca das dez horas, já de noite, o tocador deu os primeiros acordes, apertando com a concertina donde saltavam músicas convidativas à dança, marcando desta forma o início do baile, no qual se jun-

tou toda a mocidade do lugar e alguma de fora.

Antes da meia-noite interrompeu-se o baile e teve lugar o arraial de fogo de artifício, lançado do cimo de Sabariz, para ser visto nos restantes lugares.

A sessão iniciou-se com três bombas, destinadas a chamar a atenção, quebrando o silêncio

No dia da Festa madruga-

va-se porque era necessário levar as vacas a pastar e recolher as antes da alvorada marcada pelo ribombar dos primeiros foguetes e pelos sons das gaitas de folles e dos bombos dos gaiteiros puxados ao máximo, percorrendo o lugar. Os animais assustavam-se com os estron-

dos dos foguetes e com o inusitado barulho e, desorientados, fugiam para as bouças à procura de refúgio, sendo impossível recolhê-los

Por seu lado os tendeiros montavam os seus estamineis nas bordas do terreiro, ao longo do muro das hortas, expondo doces, bebidas, bonecos de barro e alguns artigos de uso corrente, debaixo dos toldos brancos.

Às dez horas apareceu a banda de música, de Tangil ou dos Bombeiros de Melgaço, iniciando a sua actividade, perante muitas pessoas dos outros lugares aguardando a missa, a iniciar-se quando fosse meio-dia, pela hora do sol.

Os fiéis ultrapassavam em muito a capacidade da Capela e por isso aglomeravam-se no exterior, em frente à porta, protegidas do sol por avantajados guarda sóis de doze varetas.

A missa, cantada, foi acompanhada por um coro de gaiteiros e pela música da banda e transmitida pelos altifalantes, espalhando o acto sacro por montes e vales.

Na altura do sermão o padre, de voz sibitina, e com ar enlevado, narrara a história de S. Bento, nascido em Itália no final do século V no seio da alta nobreza. Escandalizado com a vida imoral da cidade de Roma, decidiu isolar-se do mundo durante três anos, meditando num projecto de como fazer cristãos perfeitos. Mais tarde refugiou-se no Monte Cassino ao sul de Roma, onde construiu um Mosteiro e fundou a Ordem Beneditina, cuja acção evangelizadora se estendeu por toda a Europa, tendo como lema o equilíbrio entre a oração e o trabalho, através da divisa “Ora et labora”, Reza e Trabalha. Para guia de orientação escreveu a Regra a ser acatada pelos seus seguidores. O trabalho desenvolvido em toda a Europa, sobretudo na Idade Média, foi de tal forma importante que o Papa Pio XII o considerou Pai da Europa. A Ordem Beneditina também desenvolveu grande actividade em Portugal com influência decisiva no desenvolvimento do País. O Manuel, embevecido, seguia a história invulgar de um Santo cujo lema era a conjugação das orações e da caridade com o trabalho!

Terminada a missa a procissão saiu da capela para dar a volta ao cruzeiro de pedra de Sabariz, num percurso de metros de cem metros, enquanto no ar estalavam foguetes.

O cortejo avançava em passo lento e cadenciado, com o ritmo marcado pela banda, e encabeçado pelos portadores de bandeiras, incluindo a de S. Bento, seguidos do andor, levado aos ombros por vários homens, do padre, debaixo do palió, dos músicos executando peças religiosas, e encerrando com muitas dezenas de fiéis.

Completado o percurso o andor entrou de novo na Capela



S. Bento – Imagem Italiana

*Continua na pág. seguinte*



*Continuação da pág. anterior*

la, o padre desparamentou-se e terminou a parte religiosa da Festa.

Os forasteiros e devotos de S. Bento, na sua maioria, vinham preparados com a merenda para ficarem durante a tarde assistindo ao baile e ouvindo a música.

A encosta de Sabariz encheu-se de pequenos grupos de pessoas, em redor de mantas e toalhás estendidas no chão e sobre as quais estavam colocadas as merendas, enquanto o Manuel e os vizinhos recolhiam a casa para jantarem, na companhia dos familiares.

Em casa dos avós, além dele e da mãe estavam os tios e primos vivendo ao lado, e ainda mais familiares vindos de outros lugares e até alguns de fora, rondando as duas dezenas de pessoas.

O avô matara dois cabritos e a avó e a tia fizeram muitos bolos e doces, desde o pão-de-ló à aletria e às tostas, envoltivas em ovo e mergulhadas em vinho. À refeição seguiu-se a conversa habitual de troca de novidades entre familiares até cerca das quatro horas, quando os alfifalantes anunciaram o in-

ício do leilão das oferendas, começando por enumerar os muitos e variados artigos, desde objectos de ouro, garrafas de vinho fino e animais domésticos de capoeira ou mesmo vacas, e convidando as pessoas a aproximarem-se da capela.

Enquanto o leilão decorria os alfifalantes transmitiam aos quatro ventos o seu desentrelar, desde a descrição do artigo e o montante dos lances, até ao nome do arrematante, e a Fraga da Franqueira, invariavelmente, repetia tudo através do eco.

Muitos dos artigos arrematados eram novamente oferecidos e voltavam a ser leiloados, aumentando o peccílio a favor do Santo, mas prolongando o leilão, perante a impaciência da mocidade de toda a freguesia esperando o ansiado baile. Finalmente passadas duas horas começou o baile ao som da banda de música alternando com as gaitas de foles e com os discos.

O Manuel juntara-se a outras crianças da sua idade e em conjunto tentavam aproveitar ao máximo os benefícios da festa.

Acabou por se interessar nuns doces e num boneco de

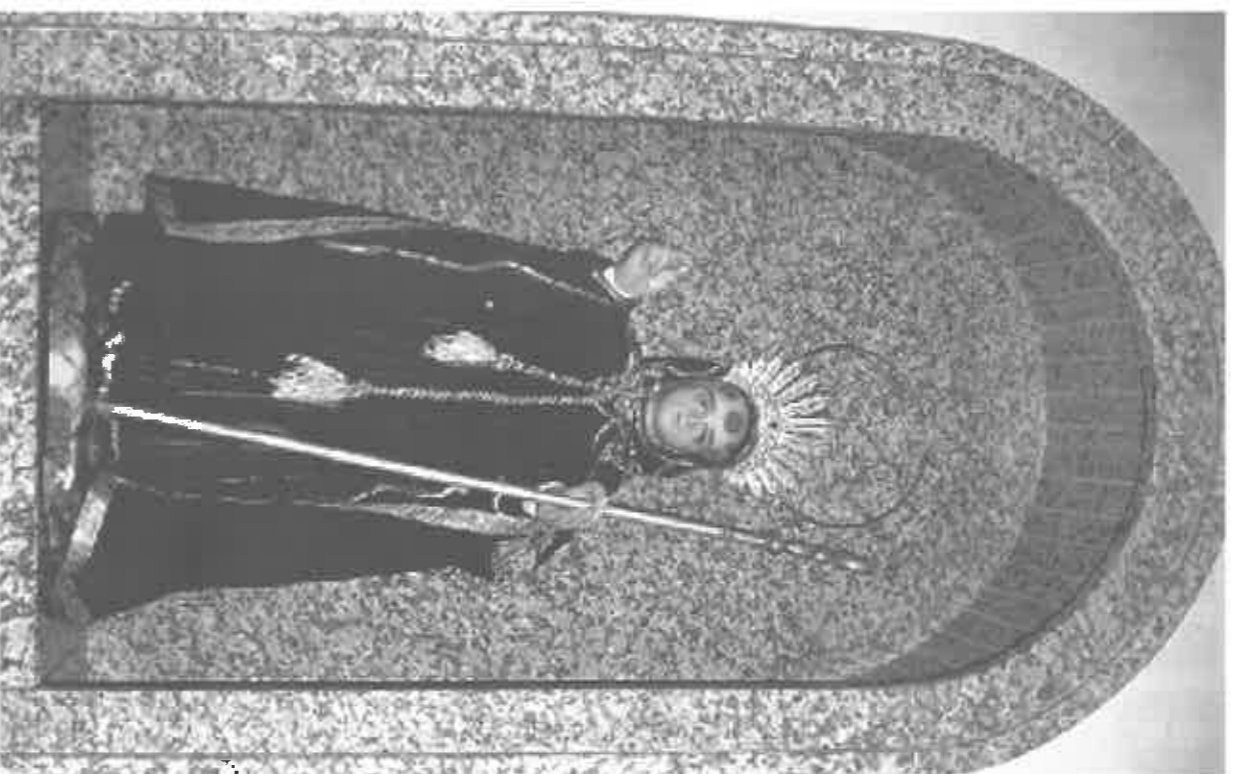
barro representando um gaiteiro, com um apito. Perguntou ao tendeiro o preço e correu a pedir cinco escudos à mãe para os comprar. Durante algum tempo concentrou-se no terreno onde decorria o baile.

As raparigas colocaram-se umas ao lado das outras em forma de semicírculo, enquanto os rapazes, mais afastados, miravam o conjunto, escolhendo qual delas iriam convidar para dançar. Tinham de ser lesos, porque senão outro podia antecipar-se, e a rapariga não podia negar-se a quem a convidasse.

O decorrer do tempo trazia o namorar. O rapaz fazia a proposta e se fosse aceite sentava-se com a rapariga num sítio mais recatado, ou davam uma volta pelo terreiro, sob os olhares perscrutadores das mães ou mulheres mais velhas, sentadas em Sabariz ou em locais donde pudessem observar tudo.

As danças mais animadas eram a chulla, a cara verde e o salão, acabando em verdadeiros despiques entre os dançadores mais dotados, constituídos em grupos rivais, perante o entusiasmo da assistência. O calor e o esforço físico faziam-nos suar as estopinhas, obrigando-os a eles a despojarem-se do casaco e da gravata e a elas do lenço. Arrebatados pelo desafio e com o apoio entusiástico da assistência assumiam o exclusivo da dança durante a maior parte da tarde, enquanto a restante mocidade se via reduzida a um papel de assistente.

Ao fim da tarde os músicos retiraram-se, e com eles muitas pessoas de outros lugares, ficando apenas os mais novos interessados no baile cuja animação passara a ser da responsabilidade dos tocadores de



*Nicho com Imagem de S. Bento*

concertina e do alfifalante até ser interrompido para ceiar e retomado por volta das onze da noite, agora só com o tocador, até às duas ou três da manhã

O final, assinalado com três foguetes, marcava igualmente o término da Festa.

Na manhã seguinte os mordomos procediam à arrumação da Capela e tudo voltava à pazez habitual com os vizinhos a continuarem as tarefas agrícolas da época do ano.

O S. Bento, de novo no seu altar, recolheu-se ao silêncio, esperando uma próxima missa mandada celebrar por um de-

voto por virtude concedida, ou então até ao ano seguinte.

O Manuel regressara para junto da mãe, que partira no fim da tarde anterior para tratar dos animais, e a partir daí só poderia falar com o S. Bento através da pequena janela rasgada na parede da Capela.

Mas naquele dia, decorridos mais de cinquenta anos, tinha ficado sem vontade de falar com Ele na nova Casa. Ficava para outra ocasião!

*Manuel*

*\* Do livro "Raízes Castrejas", em fase de acabamento*



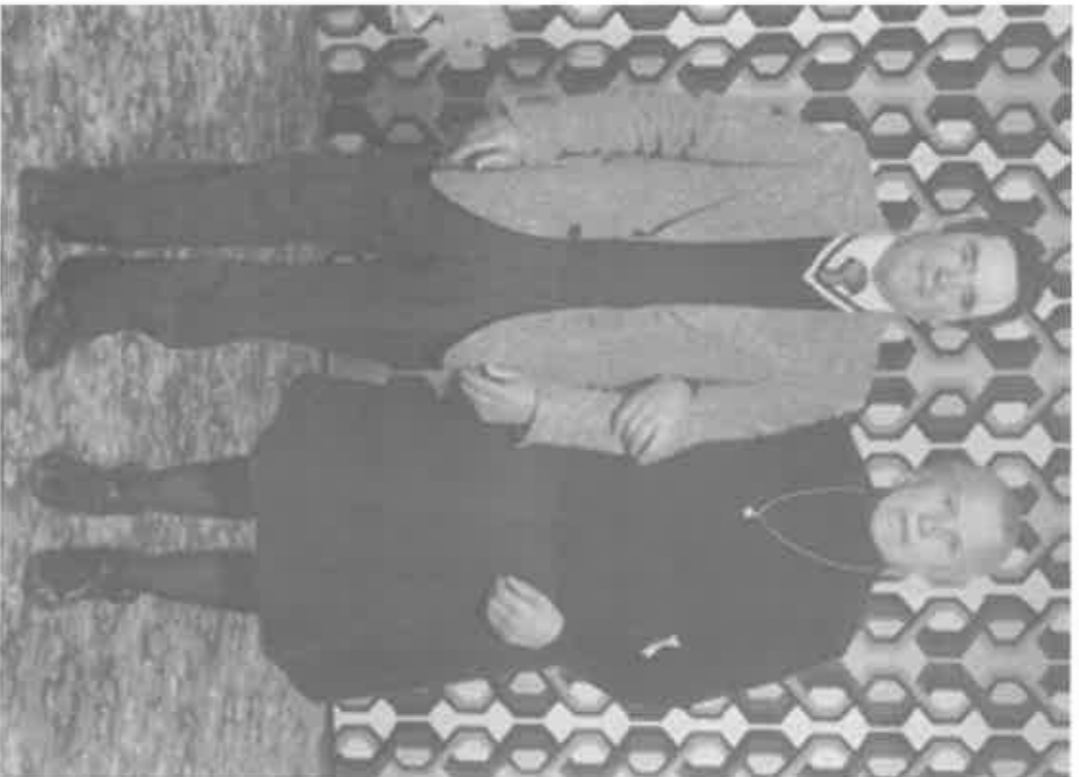
*Interior da Capela Actual*

<p><i>Publicidade</i></p> <p><b>fumeiro</b> Laborreiro</p> <p>Estimada do Ilhavo Rua, 205, 491 Castro Verde 4910-001 Castro Verde 4910-001 Castro Verde</p>	<p><b>Paulo Meleiro</b> CONFÉCIO DE ELECTRODOMÉSTICOS, LDA</p> <p>INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS ELECTRODOMÉSTICOS REPARAÇÕES</p> <p>T.I.F.: 251 404 821 T.L.M. 834 327 171 RUA, FONTE DA VILA, Nº 86 4980-546 MEIÇAÇO</p>	<p><b>Albergaria - Restaurante - Cafeteria</b></p> <p><b>MIRACASTRO</b></p> <p>4980 - Vila Castelo Laborreiro</p> <p>Telex: 251 490 0208 Fax: 251 490 029</p>	<p><b>Materiais de Construção</b> Marques &amp; Vidal, Lda.</p> <p>Mosaicos - Azulejos - Louças e Móveis WC Tubos - Acessórios - Tintas</p> <p>Tel/Fax: 251 402 604</p> <p>Rua, Rio do Porto 4960-508 Mátugeo</p>
---	--	---	---

# UMA VIDA INTEIRA JUNTOS

**Manuel António Afonso**  
**20-04-1921**

**Esperança Fernandes**  
**07-05-1913**



*Manuel António Afonso e Esperança Fernandes*

ao meio-dia. Depois destes anos todos o carinho ainda continua muito presente. Estão casados há 66 anos, tem 3 filhos, 9 netos e 13 bisnetos.

dos os dias à fonte buscar água. Foi num destes trajectos que o tio Nelo pediu namora à tia Esperança.

Assim, a tia Esperança passava horas com o caneco à cabeça só para namorar o tio Nelo.

Quando o tio Nelo ia à “cuxá”, para ninguém perceber que ele ia para casa dela entrava ao contrário para as pegadas na neve ficarem como se estivesse a sair, outras vezes levava uma giesta para disfarçar as pegadas. Nestas noites em que o tio Nelo ia à “cuxá”, os outros rapazes tinham por hábito espreitar, então a tia Esperança punha uma capa na janela para tapar a luz pois naquele tempo não havia cortinas.

Num dia, a tia Esperança tinha combinado com outro rapaz e o tio Nelo também queria ir namorar com ela mas ele não podia saber da existência do outro rapaz:

- tio Nelo: “esta noite vou pra onde ti”

- tia Esperança: “então vai, mas vai cedo” (pois tinha combinado com o outro rapaz mais tarde).

Mas o tio Nelo demorou-se um pouco mais a namorar e quando o outro chegou ele ainda estava lá. O outro moço chegou e bateu à porta:

- tio Nelo: “you ver quem está à porta!”

- tia Esperança: “não vas”

- tio Nelo: “não vou porque?!”

- tia Esperança: “ não vas que eu digo-te quem, é ..... mas eu não lhe quero abrir a porta porque gosto mais de ti.”

O tio Nelo ficou todo vaidoso por ser o preferido da tia Esperança.

Nos bailes, feitos com frequência em que o tocador era um moço do Lugar pois naquele tempo quase todos os rapazes sabiam tocar um pouquinho, para se sentarem a namorar usavam sinais. O tio Nelo aperitava-lhe os dedos, se ela devolvesse o sinal era porque aceitava, se não devolvesse era porque não queria. Era o que chamavam “namorar à calada”.

Mas o tio Nelo não namorava só com a tia Esperança. Ao mesmo tempo namorava com outra rapariga de Vila e não escondia muito isso da tia Esperança pois quando vinha de namorar com a outra e passava à porta da tia Esperança cantava-lhe assim:

“Agora que estou a chegar  
Ao lugar de Portelinha  
Queres saber de onde venho  
Venho do lugar da Vila”

Casaram em Maio mas já não se lembram do dia. Nesse dia estava uma nevada muito grande e a neve a derreter corria “as enchurradas”. A noiva tinha 27 anos, vestia uma saia preta simples e uma blusa castanha, e o noivo tinha 19anos e vestia um fato simples. Casaram na Vila, e para ir para lá a

noiva foi a cavalo pois quando casaram já tinha uma filha com cerca de 3 semanas (estiveram juntos antes de casar), ao jantar comeram sopas de batatas com rojões só os dois.

Quando casaram, o tio Nelo tinha uma mula e 800 escudos que serviram para comprar uma canna, 1 pote, 1 candeia, 2 tigelas e 2 pratos.

O tio Nelo era arrieiro (transportava com a mula mercadoria de Melgaço para as lousas em Castro-Rodero), mas andava também no contrabando onde começou aos 14 anos e onde ganhou as tais 800 escudos.

Como arrieiro, transportava um pouco de tudo. Até chegou a transportar telha para o Ribeiro.

Quanto ao contrabando, normalmente agarrava a mercadoria em Portelinha e os destinos eram vários, entre os quais Orense e Carvalhinho (Espanha). Os produtos mais usuais para levar para Espanha eram café, sacarina (tipo de açúcar), tabaco entre outros. De lá trazia-se sobretudo estanho e cornélia (derivado do centeio).

Esta tarefa do contrabando era muito dificultada pelos guar-

Ela tem 91 anos e ele 83. A tia Esperança e o tio Nelo são sem dúvida um dos casais com mais anos de matrimónio em Castro Laboreiro.

No dia em que conversei com eles para me contarem a história fantástica da sua vida, sentamo-nos num banquinho de pedra ao pé da minha casa e a meio da tarde vejo a tia Esperança a tirar do bolso umas bolachinhas e deuas ao Tio Nelo pois ele tinha comido mal

Conheceram-se em Portelinha. O tio Nelo é natural de lá, a tia Esperança é do Rodeiro e estava em Portelinha de criada. Foi para lá com 22 anos mas antes já tinha estado noutros Lugares. Como criada ganhava 500 escudos por ano e duas mudas de roupa, uma de trabalho e outra de Domingo



*Exemplar de um salvo-conduto*

Publicidade

*Bar da Liza*

BRAGA

Sociedade Civil de Engenharia de

**Construção Civil**

Ponte Pedrinha - Lomar  
Apartado 2321 - 4700 BRAGA  
Telef.: 251465329

**Carnes & Peixes**

**JAIIME LÓPEZ**

Venda Maior e Detalhe

Tel.: 0034 639 921 592 / 0034 699 399 388  
Terrachán-Entrimo-OURENSE

Abriço Turístico de Montanha

**Moinhos do poço verde**

Vila, Castro Laboreiro  
4960 Melgaço  
Moinho - Portugal

Telef.: 938708005/938855118  
Http://www.moinhosverdes.com  
E-mail:moinhosverdes@hotmail.com

# UMA VIDA INTEIRA JUNTOS

das tanto os portugueses como os espanhóis – os carabineiros – mesmo assim nunca foi preso.

Os carabineiros eram mais maus mas havia sempre algum que aceitava dinheiro para facilitar esta transação. Os por-



tugueses eram algo mais amigos pois como havia o posto da guarda-fiscal em Portelinha eram conhecidos e assim facilitavam algo mais.

Mas havia sempre algum que era mais mau que os outros. Um dia a tia Esperança tinha ido com a mula buscar uma carga de milho a Melgaco e como tinha um filho muito pequeno levou-o com ela no feiteiro. Chegou as Lubagueiras e um guarda prendeu-a a ela, à mula e à mercadoria pois naquele tempo havia muito contrabando de milho para Espanha mas esta carga era para consumo próprio. A tia Esperança tentou explicar-lhe isso mas o guarda não quis saber e levou-a para o posto de Alcobaca. A ela deixou-a ir dormir a casa

pois tinha o filho pequeno na condição que no dia seguinte se apresentasse de novo no posto mas a mula e a mercadoria ficaram apreendidas. No dia seguinte o tio Nelo foi no lugar dela e de Alcobaca teve de ir à guarda a Melgaco mas como ele

dele, optou por leva-la ela, foi ainda de noite, madrugada e quando lá chegou só encontrou um moço deitado por cima dos sacos de café e uma pistola para os guardar, perguntou-lhe então onde estavam os outros e ele disse-lhe que estavam no palheiro das Carvalhais (Rodeiro). Quando ela chegou lá a porta estava encostada, ela abriu-a e viu todos os outros mas não viu o tio Nelo, quando perguntou por ele, já ele vinha do fundo do palheiro com uma rapariga. Então a tia Esperança queria que ele fosse para casa com ela mas ele não foi.

Ela regressou a casa sozinha e ele só regressou 3 ou 4 dias depois e disse-lhe: “olha pr’ aqui mulher os pesos (moeda espanhola) que trago aqui. Já paguei o café ao dono e tudo isto é ganho e se me tivesse fiado em ti não tinha ganho nada”

Outra altura, estava ela embarçada e tinham de ir a Melgaco buscar mercadoria para o Rodeiro (arrieiro) e ele na noite anterior disse-lhe que não podia ir porque tinha de ir a uma feira então foi ela buscar a carga com a mula e quando já vinha de volta encontrou uma mulher que costumava andar por ali a vender feijões e que lhe disse: “e tu assim tão carregadinha (grávida) porque não veio o teu marido?” ao qual ele não estava, tinha viajado senão ele que vinha então ela disse-lhe: “então vai contente que ele já veio!”

- Tia Esperança: “como sabe?” – “porque o vi!”  
- “E onde o viu?” – “ para cá de Portelinha ali numa bouça com uma moça”

Quando a tia Esperança chegou, já o tio Nelo estava em casa e disse-lhe: “agora daqui vou eu levar a carga ao Rodeiro

e tu ficas aqui a fazer a ceia”. Mas a tia Esperança vinha zangada e não o deixou ir e foi ela, então o tio Nelo disse-lhe: “quando vieres de volta já é noite, ao chegares ao Formigueiro vais ter medo e eu não te vou esperar!”. Mesmo assim ela foi e afinal com pena ou com remorsos, ele foi espera-la a Formigueiro, o sítio mais perigoso do caminho entre o Rodeiro e Portelinha.

Mais tarde, em 1947 o tio Nelo emigrou. Foi a salto com ajuda de um passador. Saiu de Portelinha e foi a pé até Riba D’Ava. Lá o tio Nelo tinha um amigo espanhol que conhecia do contrabando e que o entregou a um polícia amigo dele para o levar até Cercedilha de comboio. De Cercedilha foi a pé pelas montanhas até Andorra. Quando chegou lá ficou tão contente que até rasgou o salva-conduto (tipo de bilhete de identidade espanhol que arranjavam para circular livremente em Espanha e que lhe custou 3 pesetas (1 peso=5 pesetas)), que levava para auxiliar na passagem por Espanha.

Na fronteira de França teve de entregar-se à polícia que lhe disse que se entrasse já não podia sair mesmo assim o tio Nelo quis entrar então passaram-lhe uma guia para poder circular em França.

Levou cerca de 8 dias de comboio a chegar a Breste pois havia uma greve em França que paralisou os comboios.

Foi ter com o pai pois este tinha-lhe escrito a dizer que havia lá trabalho. Lá trabalhou com muitos castrejos que já tinham emigrado antes dele.

Mas, ao fim de um ano já veio a Portugal pois tinha muitas saudades da mulher e dos filhos, ficou cá um mês. Quan-

do vinha de França, vinha de comboio até Espanha e depois a pé mas sempre com muito medo da PIDE pois Salazar não deixava sair ninguém do país muito menos sem cumprir o serviço militar o que era o caso do tio Nelo. Assim, se o apanhassem ele seria preso e já não poderia voltar a emigrar.

Escreveu e mandou sempre dinheiro mas depois as cartas começaram a ser cada vez menos. A tia Esperança começou a desconfiar que algo se passava. Mais tarde veio a saber que ele tinha lá uma rapariga e que até a pediu em casamento mas um vizinho que também emigrou para o mesmo sítio disse à tal rapariga que o tio Nelo já era casado e tinha 3 filhos em Portugal.

O tio Nelo teve de fugir dessa localidade de França e veio para Portugal.

Voltou a emigrar mas não para o mesmo sítio. Neste outro sítio ganhou muito dinheiro e trabalhou bastante o que lhe permite actualmente gozar de uma boa reforma.

Voltou em 1974 com o 25 de Abril. A partir daqui foi negociador de vacas, burros e porcos. A tia Esperança dedicou-se sempre ao trabalho da lavoura, tinham vacas, ovelhas e cabras e cultivavam a terra.

Embora tenham passado por muitas dificuldades estão juntos há 66 anos.

*Manuel António Afonso*

Manuel António Afonso

*Sandra Rodrigues*

Esperança Ferrandes

castrejinha@yahoo.com.br  
**Sandra Rodrigues**

*Publicidade*

**Restaurante Midoeiro**

O seu Restaurante

**Esso**

Petro Lamas

Para aquecimento

**Big Bazar**

Video Clube

Brinquedos

Perfumaria

Brindes

**Netra**

Rua Fonte dos Arependidos, 762  
Mafarnade  
4430-099 VILA NOVA DE GAIA



# UM DIA NO FORNO DE LANTÊMIL

Foi em meados do passado mês de Agosto, no forno de Lantemil que tudo se passou. A azáfama começou bem cedo. Enquanto as mulheres da casa, Rosalina e Aldina iam amassando e preparando o forno eu preparava o caderno e o aparelho fotográfico, disposto a capturar imagens de momentos e pessoas queridas, vestustos usos e costumes.

Assim, como facilmente se poderá constatar, para além de descrever as diferentes etapas do fabrico do pão, este artigo serviu igualmente para gravar testemunhos de vivências pas-

*qual se juntava o das velhinhas mantas de burel, mas era um trabalho necessário. A noite havia que o recolher e prô outro dia estendia-se novamente,*” Refere Rosalina Domingues.

Depois do grão estar bem seco leva-se ao moinho para o moer (*leva-se centeio e traz-se farinha – ditado popular*).

Após essa tarefa há que o peneirar com uma peneira para a masseria; aí é feita uma triagem: a farinha mais fina é para fazer o pão, a mais grossa serve de alimento aos animais.



Amerinda Alves, Rosalina Domingues e Aldina Alves

sadas que parecerei aos olhos dos nossos leitores tão próximas e longínquas ao mesmo tempo.

Depois das penosas lides das malhadas, que outrora podiam chegar a durar quinze dias, e já com o centeio em casa, há ainda um longo percurso pela frente para chegar a hora de comer o pão fresquinho. Primeiro, põe-se ao sol numa manta estendida na eira, à rajeira. Actualmente um dia chega, antes faziam falta dois ou três portos que moliam várias vezes durante o ano e na Primavera ou no Outono o sol não aquece tanto.

*“...tínhamos de o levar às costas até aos nossos barbeitos para o por ao sol porque era muita quantidade e não cabia na eira. Estendamo-lo nos carqueijais pois apesar de ser longe dava-lhe o sol quase todo o dia. Era já de si um peso enorme ao*

onde se deixa estar duas horas para que fique bem cozido. No momento em que fechavam a porta ao forno e antes de colocar bosta de vaca à sua volta, para evitar eventuais fugas de calor, ouvi a seguinte prece à minha avó:

**“Cresça o pão no forno e o bem pelo mundo todo e as bruxas e os zangões Para baixo do forno”**

*“Antes fazíamos a tenda, (ao estar o pão lêvedo primeiro fazíamos e metíamos ao forno as tendas enquanto a restante massa acabava de levedar) que era a massa do pão mas com apenas 5/6 centímetros de altura, ou seja tinha pouco miolo e muita códia mas era muito gostosa. Depois de meter o pão ao forno e enquanto ia cozendo, juntavam-se no forno os vizinhos que tinham ajudado e a rapaziada para comer a tenda. Costumávamos fazer uma tábuca de tendas e dar metade a cada vizinho; o convívio de antigamente era um regalo.”* Conta a minha avó

Depois do pão arrefecer, e só nessa altura, coloca-se o pão na cambocreira. Está então o trabalho terminado até que dure esse alimento tão precioso e essencial na nossa alimentação. Os últimos pães da fornada, que podiam como já referimos du-



Pão pronto a meter ao forno (Aldina e Rosalina)

rar de três a quatro semanas, ficavam duros como seixos e apodrecia, só se lhe aproveitava do metade.

*“Até se cortava com uma machada e algumas vezes só se aproveitava para deitar ao caldo que servia para o amolecer. Ou então colocava-se-lhe um pano molhado. Por aqui também se costumava dizer: “pão duro dente agudo”. Uma fornada de pão durava sensivelmente um mês mas no tempo do minério por exemplo, 17 ou 18 pães só duravam 15 dias, comia-se “de frio” pois não havia tempo a perder.”* Refere o meu avô José Joaquim Alves.

*“No tempo em que os refugiados galegos da guerra civil espanhola, fugiram para estas paragens uma mulher dos Portos de Baixo, ou Aldia, a tia Maria Sabina fa-*



Fornada de pão acabada de cozer

lecia, abrigou dois deles em sua casa a pedido duns amigos do lugar da Carle e Villarinho, aldeias galegas raianas onde os mais velhos se deslocavam para trocar centeio por milho ou feijão. Um certo dia quando estava a cozer duas galegas que passavam em frente ao forno, viram-lhe tirar o pão do forno e disseram-lhe: ... Ai tia Maria que fartura de pam tem... você agora tem muito pam... ela respondeu-lhe: “Olhai pam mole de seu s'engole, duas voltas lá vai o fole...” queria ela dizer que tinha bastante pão mas que também havia muitas bocas em casa para alimentar.

Em tempos de antigamente o pão era quase na sua totalidade centeio, farinha milha só quando houvesse com que o comprar e aonde. *“...cheguei a ir muitas vezes com um sacco de centeio de vinte e tal quilos dos Portos a Melgaço para o trocar por milho. Outras vezes fomos aos lugares espanhóis como Villarinho. De qualquer das formas eram sempre mais de vinte quilómetros a pé e sempre com medo que aparecesse a guarda ou os carabinheiros, pois era considerado contrabando...”* Conta a minha avó.

Assim o pão era mais escuro e não levedava tão depressa. Era, ainda mais do que nos tempos actuais, um alimento indispensável em cada refeição.

Continua na pág. seguinte

**TALLERES DE REPARACIONES**

*José Benito Torres López*

Teléfono 0034 986 434661  
32860 ENTRINMO (Ourense)

**JULIO N. RODRIGUES**

**O NOSSO CAFÉ**

Serviço de TÁXI  
Disponível 24,H p/ DIA

181 Rua António Morais  
10 Dir. 4960 Melgaço

Res. Nolle: 251 401 918  
Telex: 251 402 445

Telem: 968 010 721  
Telem: 936 267 520

**Desejo receber\* o Jornal**

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

C. Postal \_\_\_\_\_

E-Mail \_\_\_\_\_ Tel. \_\_\_\_\_

Data de Nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_

Valor da assinatura:  Portugal 7€  Europa 10€  Resto Mundo 12€

Assinatura: \_\_\_\_\_

\* Recorte e envie para os nossos serviços comerciais. \* Os preços já inclui IVA à taxa em vigor

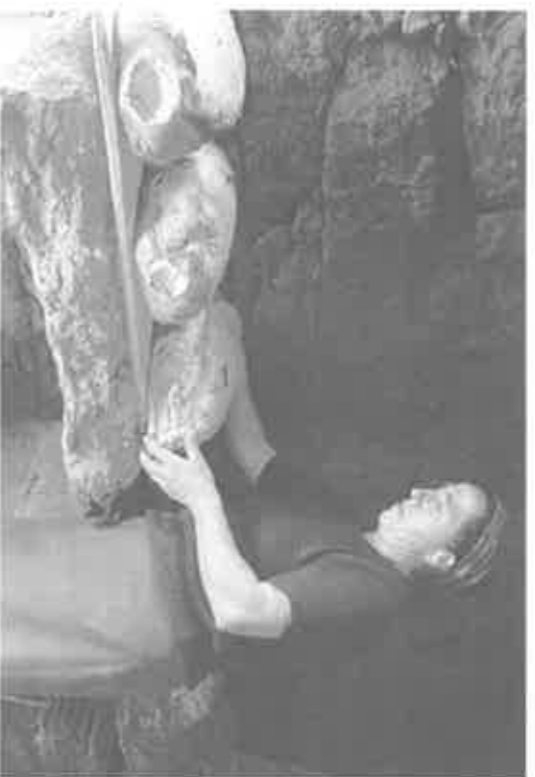


# UMA DIA NO FORNO DE LANTÊMIL

Continuação da pág. anterior

“Comia-se pão de pela manhã à noite. Muitas eram as vezes em que íamos pró monte coas vacas é só levávamos pão pra comer... até à noite!”

“Antigamente havia o costume nos nossos lugares de fazer uma fornada de pão quando morria alguém. Esse pão era depois distribuído no caminho por onde passava o funeral às pessoas que carregavam o caixão e às pessoas que vinham, às vezes de longe, para acompanhar o cortejo até à Vila de Castro.” Este era um costume com mais de cem anos.



Pão na pá pronto a ir prá Camboeira

Depois de ler este singelo artigo o leitor poderá mais facilmente formar uma pequena

ideia da enorme dispensa de esforço a que a confecção deste produto obrigava, sobretudo

nos tempos passados, e da sua importância no quotidiano das populações locais. Podemos no entanto depreender, e como na maioria dos trabalhos comunitários, que todo esse trabalho era transformado num saudável convívio que hoje tende a desaparecer ou pelo menos a desvanecer-se.

Faz parte das minhas recordações de infância o momento de ir comer a tenda ao forno. Estivesse quem estivesse a cozer, fosse em Lantemil ou na Aldeia, e depois de irmos a casa buscar o chaparro (chocolate galego) desatava-mos a correr para o forno pois sabíamos que uma tenda nos estava reservada. “*Hai sempre uma tendinha prós nossos moços...*!” diziam as mulheres.

Utensílios usados na confecção do pão: A Peneira para peneirar, a fábua para o por tendido, a pá para o enfornar, o rodo para o tirar e a camboeira para colocar ao fresco e fora do alcance dos ratos.

por: Sérgio Domingues serdomini@mail.pt

**Dir. Técnico**  
Dr. Orlando Gonçalves

**FARMÁCIA**  
**GONÇALVES**

Horário  
2ª-Feira a 6ª-Feira 9h00h - 19h00h  
Sábado 9h00h - 13h00h ou 17h30h -  
\*Consultar abertura de Posto de Saúde  
Inferno para domingo 12:30h - 14:30h

Tel./Fax: 251 465 319  
Castro Laboratório 49660-057 Melgaco

## Nevoeiros Serranos do Mundo Fantástico e Mitológico – I A Serpente do Quinjo

CAMPELO, Álvaro – “Lendas do Vale do Minho”.

“Vivia no lugar do Quinjo, uma princesa que tinha sido encantada sob a forma de uma serpente, e que trazia uma flor presa na boca.

Era esta princesa fabulosa-mente rica e estava disposta a dividir a sua riqueza com quem a desencantasse. Como ia de 100 em 100 anos à feira de Entrime, em Espanha, altura em que recuperava a sua forma humana, lá contou como deveria proceder a pessoa que estivesse disposta a desencantá-la: ir ao lugar do Quinjo e dar um beijo à flor que ela, já na forma de cobra, trazia na boca.

Se os séculos foram passando sem que aparecesse alguém suficientemente corajoso para realizar tal façanha, nem por isso se pode dizer que o tempo tenha apagado nos homens a crença no tesouro escondido ou tenha esmorecido a fé na sua recuperação, mesmo que para tal se tivesse de cumprir o ritual prescrito pela lenda. A cobra era sentimento mais forte que a repugnância e o medo, sem contar ainda que a astúcia humana é de tal forma atrevida e preensiosa que só por si consegue dar, a quem dela resolveva largar mão, uma coragem inicial que na maioria dos casos, se não é condição de sucesso é pelo menos de chegada à última etapa possível.

Foi assim que um dia, levados pela cobiça e apoiados na astúcia, um grupo de homens, tentaram desencantar a princesa. Se o pensaram, logo progra-

maram a aventura, animados pelo facto de um deles conhecer os segredos do livro de S. Cipriano, que ajudaria a tomar o tesouro escondido e defendido pela serpente.

Havia, contudo, uma dificuldade que a todos transomava e que não viam meio de a superar. Como ganhar coragem para beijar a serpente? Lembraram-se então os nossos heróis de um cego que havia no lugar e que pelo facto de não ver, não sentiria repugnância em praticar o acto. Bastante instado, mas sem saber bem ao que ia, o pobre lá amiu em juntar-se-lhes. Reunido o grupo no local certo, no dia e hora combinados, resolveu o animador da proeza, na intenção talvez de melhor avivar os pormenores da façanha, puxar do livro e ler a lenda aos companheiros no próprio cenário onde se iria desenrolar o drama. A um dado passo da leitura, porém, fez-se ouvir um barulho medonho que, repercutindo-se pelas fragas adiante, parecia querer fendê-las para delas fazer sair a figura de um monstro.

Nem se interrogaram a respeito do estranho fenómeno: gasta a última reserva de coragem, hei-los numa corrida dada, galgando e descendo penedos, na ânsia de alcançar a seguranga do lugar onde habitavam que, estranho ao facto, recuperava no sono a energia gasta num dia de luta árdua.

Sozinho no lugar do Quinjo, ficou o cego, desprotegido de tudo e de todos, e completamente amedrontado. Valeu-lhe o bor-

ção, seu único apoio e guia, para descobrir forma do chegar a chão seguro e sossegado. E chegou passadas uns dias a Pereira, uma pequena povoação espanhola, que lhe deu guarida.

Depois de conhecida a aventura no lugar, nunca mais ninguém daqueles lugares pensou em repetir a proeza.

Em tempos mais recentes, um jovem, ao saber, por um pastor, da existência da serpente, logo se lembrou da sua terrível história de amor. A mãe da sua namorada contrariava muito seriamente o namoro e afecção que a filha mantinha com ele, facto que os obrigava a encontrarem-se às escondidas por entre as penedias. Não tardou muito que a mãe desse com o esconderijo dos namorados e, desesperada com a desobediência da filha, lhe lançasse esta maldição:

– «Que de futuro andes de rastos como as cobras no alto do Quinjo».

Passados dias, desapareceu a rapariga sem deixar rasto! Associando os factos, não restaram dúvidas ao rapaz de que se tratava da namorada que cumprira o fado a que fora condenada pela mãe. A confirmação, lá estava a flor que ele lhe oferecera e que ela, numa atitude de garrida, trazia entre os dentes no momento em que recebera a maldição.

Desesperado pela triste sorte da jovem e também pela sua infelicidade, subiu ao monte e perguntou à serpente quais as possibilidades que havia de lhe quebrar o encanto. Respondeu-lhe esta que bastaria que etc,

rapaz, tivesse a coragem de a beijar na boca. Mas, cautela, se à terceira tentativa o não conseguisse, redobraria o seu encanto e não mais poderia trazê-la à vida e ao seu amor.

Volto o rapaz mais tarde, acompanhado com gente amiga, para realizar o desencanto: porém, na altura em que se aproximou da serpente, esta lançou tais silvos e contorceu-se de tal maneira que pôs em fuga todos os que presenciavam a cena. Não desistiu o namorado e, na segunda tentativa, fez-se acompanhar de um padre, para ajudar o ritual com as suas rezas, esquecido do que havia acontecido aos outros seus contemporâneos, de um ceguinho que, pelo facto de não ver, poderia substituí-lo no acto de beijar a serpente com menos repugnância. Repetiu-se a cena anterior e tanto o padre como o cego fugiram desasistidos.

Entendeu o rapaz que teria que ser ele sozinho, e sem a ajuda ou apoio de ninguém, mas amparado pelo amor que nutria pela jovem, a cumprir o feito. Enchendo-se de coragem, aproximou-se da serpente e, sem dificuldade de maior, deu-lhe o beijo, recebendo em troca nos seus braços a namorada. Regressaram felizes a Ribeiro de Baixo, seu lugar de nascimento, e casaram mais tarde na vila”.

Nota: Esta lenda foi recolhida em Castro Laboratório. Alice Geraldes (1978) também faz menção a esta lenda, traçando uma longa interpretação da mesma, tendo como elemento de análise o género feminino e a

transformação dos seus papéis na sociedade de Castro Laboratório. Segundo esta autora, uma lenda reflectirá a mentalidade mais conservadora e antiga da população, enquanto a versão moderna, a do jovem par de namorados, mostra um novo tipo de enamoramento que supera as diferenças sociais quanto à riqueza. Nesta lenda sintetizamos as duas tradições. Quinjo é um outeiro pouco arborizado, sobranceiro ao Ribeiro de Baixo, que faz fronteira com a Espanha

**Sede da Junta de Freguesia de Castro Laboratório**  
Telf.: 251 465 695

**Sede da Junta de Freguesia de Lamas de Moura**  
Telf.: 251 465 616

**Câmara Municipal de Melgaco**  
Telf.: 251 410 100

**Bombeiros Voluntários**  
Telf.: 251 402 599

G.N.R.

**Telf.: 251 402 346**

**Centro de Saúde de Melgaco**  
Telf.: 251 402 337

**Centro de Saúde de Castro Laboratório**  
Telf.: 251 465 695

**Correios de Castro Laboratório**  
Telf.: 251 465 000

# A Porta Poente da Igreja de S. João de Lamas de Mouro

Continuação da pág. 11

Em contrapartida, é incontroverso que já existia em meados do século XIV, do padroado da Ordem dos Hospitalários, que, conseqüentemente, são os seus presumíveis fundadores. Os mais recuados pergaminhos deste templo sagrado continuam a ser as duas confirmações do bispo de Tui, D. João de Castro, dos párocos apresentados pelo prior da Ordem do Hospital em Portugal:



Sigla da Igreja de Lamas

- a 21 de Abril de 1355 confirma Estêvão Eanes, de Ceivães;
- [Braga, AD – Registo Geral, Livro 314, fl. 5v.]
- a 29 de Setembro de 1362 confirma Gonçalo Nunes, de Melgaco.
- [Braga, AD – Registo Geral, Livro 314, fl. 28v.]

São provas convincentes da sua existência e não da sua origem, que terá que ser esgaravataada em pegaminhos de datação anterior. Mas onde param esses cimélios? Este templo não consta nas actas dos inquiridores de Afonso III, que estiveram em Castro Laboreiro em 1258, nem dos de D. Dinis, que não chegam a aventurar-se por estas altitudes. Por isso, os últimos vestígios indiciários da sua fundação podem estar nas siglas deixadas no granito frio pelos seus canteiros construtores.

Se este método de datação, utilizado por reputados investigadores, tiver alguma consistência (a que não posso deixar de colocar algumas reservas), talvez se possa recuar a construção da igreja de Lamas de Mouro à segunda metade do século XIII.

Sobre tudo, porque a sigla em forma de “P” se repete na capela da Senhora da Orada, com uma epígrafe de 1245, nas muralhas do concelho de Melgaco, concluídas em 1263 e no mosteiro de Paderne, consagrado em 1264.

Do que não se pode duvidar é que estamos perante um templo religioso que, para além dos pergaminhos medievicos, preserva vestígios muito sólidos dessa época Internédia. Um importante testemunho dessas eras consta na porta norte, em arco decorado com elementos geométricos, mas o mais consagrado e importante deipoiamento, propulsor deste singelo artigo, é, sem dúvida, o do portal voltado a poente.

À entrada desse pórtico, do lado esquerdo, ressaltam imediatamente dois silhares cinzelados, um com uma ave sob duas espirais ligadas e outro com duas figuras humanas atarracadas, e, por baixo deste, uma epígrafe em caracteres portugueses. Estou convicto que, juntamente com as siglas de canteiro e as voltas do arco da porta norte, estamos perante os mais consistentes vestígios do primitivo templo religioso, que me prenderam bastante a atenção quando preparava a monografia sobre esta freguesia. A interpretação que lhe dei nessa altura mereceu alguma contestação de pessoa Amiga, bastante acreditada e conceituada nestas andanças.

Com o devido respeito e consideração pelo parecer adverso, passados cinco anos, no essencial, continuo a defender a mesma interpretação, que, por isso, passo a transcrever:

*Por serem muito pouco assíduos, são de uma preciosidade incalculável todos os indícios documentais desta vetusta igreja de Lamas de Mouro, e um dos mais sólidos e intrincados consta no portal voltado ao ocaso: é uma inscrição em português, encimada por duas figuras humanas atarracadas, uma maior e outra mais pequena, e a figura antropomórfica de uma ave sob duas voluptas jónicas.*

*A simbologia românica intimamente associada a uma arquitectura popular, fruto da imaginação feroz dos seus canteiros construtores, afasta a mais remota hipótese de uma interpretação concisa e uniforme; por outro lado, a inscrição por incompleta tornou-se praticamente indecifrável; e, como se não bastasse, a certeza de uma reconstrução do corpo da igreja vem complicar ainda mais o sentido e origem daquela mensagem grantica.*

*Mas a perseverança, a curiosidade e a vontade de saber não se detêm perante a adversidade e uma centelha no momento mais inesperado pode rasgar as trevas difíceis de iluminar permitindo alguma conjectura plausível e satisfatória para o mais inebriante dos enigmas. Para mim tenho que se trata de um epítáfio, talvez do último século medievo, invocando a protecção das três pessoas da santíssima trindade para a alma que descansava debaixo da lápide fria, aproveitada na reconstrução: a ave representaria o Espírito Santo, a figura humana maior o Pai e a menor o Filho e a coincidência precisa entre as letras identificáveis com a divisão tripartida do mistério fundamental do cristianismo corrobora definitivamente a ideia. Assim, acrescentando as letras truncadas, podemos reconstruir, senão a totalidade, pelo menos parte da inscrição que chegou até aos nossos dias:*

[3] PESO[as]  
[s]ANTIS[ina]  
[tr]INDA[de]

[DOMINGUES, José – O Couto de S. João de Lamas de Mouro. Porto, 1999, pp. 69-70]

Reconheço que cometi um erro precipitado ao considerar os três silhares como fragmentos de uma lápide do último século medievo, aproveitados na reedificação da igreja. A espessura dos silhares, onde é visível, afasta liminarmente essa ideia, mas uma análise mais cuidada revela ainda que se trata de dois capitéis, conforme se pode comprovar pela sua base arredondada, que, com toda a certeza, assentariam em colunas cilíndricas. A base inferior de uma dessas colunas, em forma trapezoidal, também é perceptível, muito rentes ao solo. Posto isto, pela forma como estão esculpidos, torna-se evidente que o capitel da ave seria o do lado esquerdo, enquanto que o das figurinhas humanas seria o do lado direito.

Creio que o capitel da ave está na sua posição original, ou muito próximo, uma vez que a base da coluna lhe fica quase na perpendicular e o

Continua na pág. seguinte



# A Porta Poente da Igreja de S. João de Lamas de Mouro

*Continuação da pág. anterior*

alinhamento dos silhares deixam adivinhar o primitivo rasgo do portal. O capitel das figuras humanas estaria, exactamente, em frente, onde, também pelo alinhamento dos silhares, se pode identificar o lado direito do portal. Quer isto dizer que o portal antecedente, pelo menos na parte exterior, era bastante mais amplo que o actual. Sendo mais largo, seria também mais alto, mas, para a sua altura, não encontro qualquer indício orientador.

Quanto à epígrafe e sua leitura, reconheço que, se não cometi propriamente um erro, cometi algumas inexatidões, reveladas pelo aparecimento de novos dados. Todo o embaraço, criado em torno desta inscrição, foi causado pelo facto de se julgar que estava incompleta. Lourenço Alves, refere-se assim a esta inscrição:

*“No sarnel do arco, do lado norte, há uma inscrição em caracteres modernos ilegível”*

[ALVES, Lourenço – Arquitectura do Alto Minho. Viana do Castelo, 1987, p. 45]

Antes de mais, a inscrição não é elegível nem está truncada (pelo menos completamente). Por acaso, numa das numerosas vezes que olhei para estes restos românicos, a luz rasantemente revelou os restos dissimulados da inscrição no silhar imediatamente contíguo, conforme ficou registado na foto. O que acontece é que esse resto da epígrafe foi lavrado em granito diferente, mais susceptível à erosão, e que por isso está hoje praticamente delído.

Este pormenor pode ser relevante, uma vez que todos os resquícios românicos – desde as siglas, o arco da porta norte, os dois capitéis e parte da epígrafe – estão gravados no invulgar granito rosado, que surge misturado com o restante. No monte da *Cavadinha*, o *Coto Vermelho* é do mesmo género de granito e guarda marcas de exploração muito antiga, mas fica a uma considerável distância, por calçadas impraticáveis. Será que essa pedra da igreja foi carregada deste sítio do *Coto Vermelho*? É plausível.

O granito rosado parece ser bastante apropriado para esculpir. Por isso, o facto de parte da inscrição surgir no outro tipo de granito parece inusitado e inculca época e lapicista distinto. Isto é, tudo leva a crer que a inscrição tenha mesmo sido partida e, quando da reconstrução da igreja, fosse completada. Como o granito, onde foi inteirada, é mais granulado e a gravação foi menos profunda, hoje só é visível

em condições de luz propícias. Neste momento, a leitura só pode ser a seguinte:

PESOAS DA S  
ANTISS[II]MA TR  
INDA[DE]



Revelado o conteúdo da inscrição, fica resolvido o enigma das esculturas dos capitéis. A remota hipótese de que a inscrição não esteja relacionada com as esculturas não me parece procedente, até porque, quer uma quer outras, foram lavradas no mesmo tipo de granito invulgar. Assim sendo, se a inscrição se refere às três pessoas da Santíssima Trindade, o mais evidente é que, tal como ficou divulgado na monografia do *Couto de S. João de Lamas de Mouro*, a ave represente a pomba do Espírito Santo, a figura maior o Pai e a menor o Filho.

Mas as figuras da igreja de Lamas de Mouro não são caso único no país. Pelo que me foi possível averiguar, no frontispício da igreja medieval de S. Facundo de Vinhais, Bragança, surge uma singela



*Igreja de S. Facundo – Vinhais*

analogia: as figuras antropomórficas, esculpidas em baixo relevo, também tem sido identificadas com as pessoas da Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo. E no entanto, nesta não existe qualquer inscrição alusiva.

Deixemos, por agora, estes laivos medievais para deslindar outro arcano da igreja de Lamas de Mouro, que a liga à ilustre linhagem dos Castro, alcaides-mores dos castelos de Melgaço e Castro Laboreiro. Por outras palavras, será que, como referem os linhagistas, alguns dos Castro de Melgaço foram abades da igreja de Lamas de Mouro?

Esta incerteza levou consigo para a tumba o afamado Dr. Augusto César Esteves, deixando consignado no seu *Livro das Gerações Melgacenses*, editado postumamente:

*“Lopo de Castro de Azvedo Silva Coutinho – Foi o primeiro senhor da casa e quinta do Fecho sita na freguesia de Rouças. (...) São mui vagas as referências feitas a este fidalgo melgacense nos documentos conhecidos ou nas velhas genealogias, porquanto em parte alguma se encontra alusão simples ou notícia minuciosa a fastos da sua vida. Há quem o diga leigo toda a vida e quem o apresente como clérigo e nesta qualidade o faça abade simultâneo de Lamas de Mouro, de Rouças e da igreja matriz da vila de Melgaço, justificando o facto com a alegação de ter logrado estes benefícios quando os cânones do Concílio Tridentino ainda não eram lei em Portugal. Mas estes estudiosos ou curiosos de velharias ainda não viram nem mostraram aos outros documentos contemporâneos com a garantia da veracidade da afirmação. De resto no próprio dizer deles está a ver-se a fragilidade da atribuição, pois no tempo desse fidalgo havia dentro dos muros da fortaleza as igrejas matrizes de duas freguesias – Santa Maria da Porta e Santa Maria do Campo. E ligada a ambas as paróquias e a lindar com as muralhas viradas ao norte começava a terra da freguesia de S. Facundo. Ora como em nenhuma destas freguesias se fala descriminadamente, escusado será escrever mais para se provar não ter fundamento tal atribuição”*

*Continua na pág. seguinte*

# A Porta Poente da Igreja de S. João de Lamas de Mouro

Continuação da pág. anterior

**“António de Castro Azevedo Silva Coutinho – a quem chamaram António de Castro, o Velho, sucedeu a seu pai na Quinta do Fecho. Seguiu carreira eclesiástica e foi abade das três paróquias atribuídas a seu pai. Papéis para o comprovar não encontrei nem mesmo vi documento algum a fixar anos ou factos da sua vida”**

ESTEVES, Augusto César – O Meu Livro das Gerações Melgacenses. Vol. I, Melgaço, 1989, pp. 101-1031

Neste ponto, o Dr. Augusto César Esteves andou bastante arredado da verdade, mas primeiro vejamos como os Castro chegam à alcaidaria-mor de Melgaço e Castro Laboreiro.

Com a passagem das duas fortalezas para o âmbito da Casa de Bragança, ainda no reinado de D. Duarte, a escolha do seu alcaide-mor passou a pertencer ao duque, que a fez recair sobre os Castros de Melgaço (para muitos autores, procedentes dos Castro de Fornelos, localidade fronteira a Melgaço, em Galiza). O primeiro fidalgo desta estirpe a cumular a alcaidaria dos dois castelos raianos foi Marim de Castro. Segue-se-lhe o seu filho Fernão de Castro, até ao reinado de D. João II. Neste reinado, com a execução do duque de Bragança, por traição régia, dá-se um interregno e as fortalezas voltam para o erário régio. Mesmo assim, este monarca nomeou, ou confirmou, Fernão de Castro em Melgaço, mas para Castro Laboreiro preferiu um fidalgo de ascendência galega, Paio Rodrigues de Araújo. No reinado seguinte, D. Manuel perdoa ao duque de Bragança, D. Jaime, devolvendo-lhe a maioria do património perdido, nomeadamente estes dois castelos fronteiriços, e, de novo, a alcaidaria passa para os Castros, na pessoa de Pero de Castro.

Ainda no reinado de D. João II (31/Julho/1489) vai ser confirmada a Lopo de Castro, pelo bispo de Ceuta, D. Justo Balduino, a igreja sem cura de S. João de Lamas de Mouro, a qual ficara vaga por óbito do seu anterior abade, Álvaro Gonçalves [Doc. 3]. Este Lopo de Castro era filho de Fernão de Castro

e irmão de Pero de Castro, ambos alcaides-mores, e vai ser o abade de Lamas de Mouro durante 33 anos, no trânsito da Idade Média para a Moderna. Foi também pároco da igreja de Santa Maria da Porta de Melgaço (actual matriz de Melgaço) desde o dia 6 de Novembro de 1484. E, em data que não consegui apurar, foram-lhe anexadas as igrejas de Santa Maria do Campo e S. Fagundo, ambas na vila de Melgaço.

Pelo mesmo documento sabemos quem era o anterior abade. Álvaro Gonçalves, que, apresentado pela igreja de Tui, tinha sido confirmado nesta igreja de Lamas a 24 de Maio de 1456, por morte do seu imediato antecessor, João de Melgaço [Doc. 2]. Álvaro Gonçalves foi também pároco de Santa Maria da Porta de Melgaço, desde 30 de Janeiro de 1448, e, por contrato de 22 de Abril de 1448, foi-lhe anexada a igreja de S. Fagundo. Finalmente, a 26 de Janeiro de 1453, Álvaro Gonçalves foi transferido para a igreja de Santa Marinha de Rouças – é na qualidade de abade desse templo que vem referido no documento que o confirma em Lamas de Mouro.

Por sua vez, João de Melgaço, era abade na igreja de Santiago de Penso quando lhe foi anexada esta de Lamas de Mouro, em 6 de Setembro de 1453, por morte do seu último abade, João Regueiro [Doc. 1].

São estes os párocos de Lamas de Mouro na última metade do século XV, até ao final do ano de 1522. Nesse ano, no dia 13 de Dezembro, Lopo de Castro renuncia em mãos do arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, as igrejas que parquiava de Santa Maria da Porta, Santa Maria do Campo e S. Fagundo, na vila de Melgaço, e de S. João de Lamas de Mouro, no concelho de Valadares. O dito abade foi representado por Troilos de Araújo, que apresentou um instrumento de procuração elaborado nas notas do tabelião de Melgaço, Ciprião de Lisboa, em 9 de Dezembro de 1522 [Doc. 4]. Para o substituir foi nomeado o capelão do arcebispo de Braga, Aires da Costa, a 5 de Fevereiro de 1523. Mas este renuncia passados poucos dias, exactamente no dia 13 de Abril de 1523. Nesta eminência, passados dez dias, a 23 de Abril de 1523, o arcebispo D. Diogo de Sousa confirma outro clérigo da família dos Castros, António de Castro, na igreja de Santa Maria do Campo, da vila de Melgaço, anexando-lhe – somente em vida deste – as de Santa Maria da Porta, S. Fagundo e a metade sem cura de S. Lourenço de Prado, no

concelho de Melgaço, e a de S. João de Lamas de Mouro, no condado de Valadares [Doc. 5].

A partir daqui, só no final deste século XVI, surge outro clérigo de ordens de evangelho da linhagem dos Castro de Melgaço, Pero de Castro, confirmado na igreja de S. João de Lamas de Mouro a 3 de Dezembro de 1598, a qual ele possuiu até à hora da morte [Doc. 6]. Foi nomeado por falecimento do seu anterior abade, Afonso de Pias, que, a 15 de Janeiro de 1565, tinha sido notificado para estar presente à delimitação e demarcação da comenda de Santa Maria de Castro Laboreiro, respondendo “*que não tinha nenhuns embargos a se fazer o dito tombo porquanto ja estava marcado e balizado o dito limite entre Crasto e Lamas de Mouro*”.

Concluindo, não resta qualquer dúvida que alguns clérigos da linhagem dos Castro de Melgaço, alcaides-mores dos castelos de Melgaço e Castro Laboreiro, parquiariam a igreja de Lamas de Mouro e, por outro lado, fica divulgada a leitura da sua epígrafe na porta poente, que, plausivelmente, está relacionada e desvendada o significado das suas enigmáticas esculturas. Questão encerrada? Claro que não... a investigação científica não se compadece com qualquer Verdade Absoluta, que, por mais que procuremos, nunca conseguimos atingir.

## Abades [Séc. XIV-XVII]

até 1355, Abril, 21 – Estêvão Martins.  
1355, Abril, 21 – Estêvão Anes.  
1362, Setembro, 29 – Gonçalo Nunes.  
[...]  
até 1453, Setembro, 06 – João Regueiro.  
1453, Setembro, 06 – João de Melgaço.  
1456, Maio, 24 – Álvaro Gonçalves.  
1489, Julho, 31 – Lopo de Castro.  
1523, Abril, 13 – Aires da Costa.  
1523, Abril, 23 – António de Castro.  
[...]  
1565, Janeiro, 11 – Afonso de Pias.  
1598, Dezembro, 03 – Pero de Castro.

N. A. => Os documentos acima referenciados serão, por uma questão de gestão do espaço disponível, publicados no próximo n.º do Porto dos Cavaleiros.

José Domingues  
pequenoinfante@hotmail.com  
[Desenhos, Martine Rodrigues]

<p>Publicidade</p> <p>CAFÉ ALTO MINHO TÁXI PERMANENTE 24h</p> <p>Tel.: 251 465 133 (casa) Tel.: 966 404 311 (carro) 936 266 322</p> <p>VILA - CASTRO LABOREIRO 4960 MELGAÇO</p>	<p>MAF</p> <p>Construção Civil</p> <p>Tel.: 251 465 322 Tel.: 934 957 825 936 508 183</p> <p>Curral do Gongalo 4960 Castro Laboreiro</p>	<p>Manuel Joaquim Antunes</p> <p>CONSTRUTOR CIVIL</p> <p>Cela 4965 - Melgaço</p> <p>Tel.: 251 487 694</p>	<p>KAPPA</p> <p>VILA - CASTRO LABOREIRO</p> <p>Nuno Filipe Fernandes Esteves</p> <p>Contactos: 934 648 129 / 961 049 439</p>
---	--	---	--



# Memórias Paroquiais – 1758 (Continuação)

## O QUE SE PROCURA SABER DA SERRA É O SEGUINTE:

1. Como se Chama?
2. Quantas léguas têm de comprimento e de largura; onde principia e onde acaba?
3. Os nomes dos principais braços dela?
4. Que rios nascem dentro do seu sítio e algumas propriedades mais notáveis deles; as partes para onde correm e onde fenecem?
5. Que vilas e lugares estão assim na serra, como ao longo dela?
6. Se há no seu distrito algumas fontes de propriedades raras?
7. Se há na terra minas de metais; ou canteras de pedras ou de outros materiais de estimação?
8. De que plantas ou ervas medicinais é a serra povoada e se se cultivava em algumas partes e de que géneros de frutos é mais abundante?
9. Se há na serra alguns mosteiros; igrejas de romagem ou imagens milagrosas?
10. A qualidade do seu temperamento?
11. Se há nela criações de gados ou de outros animais ou caca?
12. Se tem alguma lagoa ou fojos notáveis?
13. E tudo o mais que houver digno de memória?

## O QUE SE PROCURA SABER DESSE RIO É O SEGUINTE:

1. Como se chama assim o rio, como o sítio onde nasce?
2. Se nasce logo caudaloso e se corre todo o ano?
3. Que outros rios entram nele e em que sítio?
4. Se é navegável e de que embarcações é capaz?
5. Se é de curso arrebatado ou quieto, em toda a sua distância ou em alguma parte dela?
6. Se corre de norte a sul, se de sul a norte, se de poente a nascente, se de nascente a poente?
7. Se cria peixes e de que espécie são os que trás em maior abundância?
8. Se há neles pescarias e em que tempo do ano?
9. Se as pescarias são livres ou de algum senhor particular, em todo o rio ou em alguma parte dele?
10. Se se cultivam as suas margens e se tem arvoredo de fruto ou silvestre?
11. Se tem alguma virtude particular as suas águas?
12. Se conserva sempre o mesmo nome ou o começa a ter diferente em algumas partes; e como se chamam estas ou se há memória de que em outro tempo tivesse outro nome?
13. Se morre no mar ou em outro rio e como se chama este e o sítio em que entra nele?
14. Se tem alguma cachoeira, represa, levada ou açudes que lhe embarassem o ser navegável?
15. Se tem pontes de cantaria ou de pau, quantas e em que sítio?
16. Se tem moinhos, lagares de azeite, pisões, noras ou outro algum engenho?
17. Se em algum tempo ou no presente, se tirou ouro das suas areias?

18. Se os povos usam livremente das suas águas para a cultura dos campos ou com alguma pensão?
19. Quantas léguas tem o rio e as povoações por onde passa, desde o seu nascimento até onde acaba?
20. E qualquer outra coisa notável que não vá neste interrogatório.

### 1758, Maio, 22 - Lamas de Mouro

*Memória Paroquial da freguesia de São João de Lamas de Mouro, escrita pelo seu abade Constantino Dias e confirmada pelo reitor de Castro Laboreiro, Inácio Ribeiro Marques, e pelo cura de Cubbãõ, Manuel Gonçalves.*

IAN/TT – Dicionário Geográfico do Reino de Portugal, Vol. 19, Memória n.º38, fls. 193-196.

### Segundo interrogatorio o que posso dizer desta terra he o seguinte

1. Chamase a esta Freguesia Lamas de Mouro tomou o apelido de mouro que dezião os antigos que fora aqui mesquita de mouros e que apresentaba Roucas.
2. Tem de sul a norte tres coartos de legoa e de nascente a poente tera meia legoa comprida de sul prencepia em humra serra alta chamada do Lagarto que parte com o concelho da Villa de Soajo cria lobos raposas coelhos e perdizes veados e jabalizes para o norte finaliza na serra chamada o pomidello alta cria o mesmo parte esta serra com o couto de Feães
3. O principal braço he de sul ao poente do sul chamasse a dita serra o gabião he muito espenhadica e por ella vai huma estrada para a Villa crasto Lauoreiro e no fim della chamasse alcobaça que commonica com a rajia seca do reino de galiza, e do poente parte com o couto de Paderne e finalisa na serra chamada costa ma e dali se abista Monção que dista coatro legoas e a cidade tui no reino de galiza que dista seis legoas e por esta serra vem da villa de Valadares huma estrada que atravessa esta Freguesia pella parte do norte para a Villa de crasto Leoureiro e para galiza



Rubricas dos Párcos Confirmantes [1758]

4. Nasc nesta freguesia hum rio chamado de Mouro prencepia na serra do Lagarto e core no distrito desta Freguesia, vagaroso tem hum pontilhão chamado a ponte de Mouro tem tres moinhos metese em outro regato que tem prencipio na serra chamada as parte ag[os] e nasce mais outro regato que comeca em humra serra chamada de buzemle e core pello mejo desta Freguesia e se ajunta ao de Mouro e no fim da coutada chamada de [solengas se mete em o outro rio que vem das parte agoas correm o de buzemle de norte a sul o da portella do Lagarto de nascente a poente he este rio das parte agoas muito caudelloso cria trutas e mete na ponte de Mouro no rio minho que dista dese do seu nascimento tres legoas
5. Não tenho que dizer
6. Não ha fontes de que se faça menção
7. Não ha minas nem pedras de estimação senão muitos penhascos]
8. As terras são poboadas de hu[r]zes carrameijas carqueijas tojo e penhascos, em algumas partes das serras se semente nellas centeio chamados labores não da senão centeio
9. Não há mosteiros nem igrejas na serra
10. A qualidade do seu temperamento he no tempo do brão quente e inberno frejedissima por nella cair muita neve que nella permanece mais de oito dias des dose quinze
11. Creansse nesta terra gados grandes cabras e obelhas lobos jabalizes veados coelhos perdizes codornizes e rollas
12. Não ha Legoa nem fojo de que se faça menção
13. Não ha outra couza de memoria

### O que posso dizer dos Rios he o seguinte

1. Nesta terra não ha Rios ha tres regatos hun chamase ao seu nascimento de buzemlle outro chamasse ao seu nascimento a portella do Lagarto e metensse no fim do distrito desta Freguesia no que tem prencipio nas parte agoas correm do sul a norte
2. Correm em o prencipio queatos porem logo caudellozos e no brão vão casi sem agoas
3. Não emirão outros Rios nelles
4. Não he capas de embarcaçõs por screm muito tenuis e caudellosos
5. Em todo seu curso he muito arevatado e despenhadico
6. Corre do sul a norte para se meter no Minho tem tres legoas de comprido
7. Cria trutes e nada mais
8. Pescasse nelle de brão com trolho(?)
9. He o Rio livre para todos
10. Não tem mariens nem tem arboredo nem silvestre nem campones senão hurzes e tojos
11. Não tem virtude as suas agoas
12. Não tem outro nome nesta Freguesia nem ha memoria que tivesse outro
13. Morre no minho no sitio chamado a ponte de mouro
14. Não tenho que dizer por ser piqueno arebatado e sem ter capas de curso tirão delle huma preza nos

# Memórias Paroquiais – 1758

- lemites desta Freguesia que vai pa Valladares junto a ponte de mouro adonde se mete no minho que corre a dita levada das legoas e meja
15. Nesta Freguesia não tem senão hum pontilhão de pedra e no sítio chamado da porta trabacos tem humas passadiças de pedra
  16. Tem nesta Freguesia tres moinhos e lla para baixo písõs não tem outro enjenho
  17. Não se tirou ouro nem ha memoria que se tirasse nelle
  18. huzão livremente das suas agoas os pobos
  19. tem o rio tres legoas passa pello mejo da freguesia de cubalhão e parada couso e gabea por Riba de Mouro tamgil e Morufe, barbeita e o seu fin
  20. Não ha couza nesta Freguesia cousa de que faça menção nem digna de memoria que possa declarar so Ter muita asperza por ter terras altas ao redor

Certifico eu Constantino Dias Abhade da parroquel Igreja de São João Batista de Lamas de Mouro em como respondi aos interrogatorios que se me pediu respondesse o que afirmo sendo nececario em berbo sacerdotis hoje 22 de Maio de mil e sete centos cincoenta e oito anos Estando prezentes o R.<sup>co</sup> reitor da Villa de Crasto Laboreyro e o P. cura de santa Maria de Cubalhão ao tudo presentes

[assinado] Abb.º Constantino Dias  
[assinado] R.º Manoell Gonçalves  
[assinado] R.º Ign.<sup>co</sup> Rib.º Marques

## 1758, Maio, 11 – Castro Laboreyro.

*Memória Paroquial da freguesia de Santa Maria de Castro Laboreyro, escrita pelo seu reitor Inácio Ribeiro Marques e confirmada pelo cura de Cubalhão, Manuel Gonçalves, e pelo abade de Lamas de Mouro, Constantino Dias.*

## IAN/TT - Dicionário Geográfico do Reino de Portugal, Vol. 12, Memória n.º457, fls. 3157-3182.

Ao primeiro artigo do segundo titulo do interrogatorio respondo que esta terra se chama Crasto Laboreyro.

Ao segundo artigo do dito interrogatorio respondo que esta terra tem de comprido duas legoas, que principio no Porto dos Caualleiros, lugar desta mesma freguezia, e de largura outras duas legoas pouco mais ou menos, e as duas legoas de comprido principio como já dice no Porto dos Caualleiros, e acabão no marco de Meijoeira, confinando com a freguezia de Entrimo Reyno de Galiza, e as duas legoas de largura principio no Marco do Gauião e acabão no Marco de Antella, que confina com a freguezia de Sam Gens tambem Reyno de Galiza.

Ao terceiro artigo do mesmo interrogatorio respondo que os principais braços desta terra são os Portos dos Caualeiros, a Portella do Pao o Marco de Antella o Marco de Meijoeira, e o Marco do Gauião.

Ao quarto artigo do interrogatorio respondo que nasce o Ryo chamado de Crasto Laboreyro, que he o principal desta terra, e o de Campelo e o Rio da Ponte das Veigas e o do Barreiro, e todos estes tres Rios

immediatos correm e fenecem neste de Crasto Laboreyro, e este respectuo aos mais como já dice principal corre pello meyo da freguezia e ão depois vai correndo para o conselho de Soajo e fenece este no Rio de Tibo da Freguezia tambem de Soajo.

Ao quinto artigo respondo que não há na serra nem ao longo dellas villas nenhúas.

Ao sexto artigo do interrogatorio nada.

Ao setimo artigo do interrogatorio nada.

Ao oitauo artigo do interrogatorio respondo, que a serra se comprome de algumas plantas, a saber Urze, Carrameija, Giesta, Tojo, Carualhos, e Bidos e Salgueyros Ernas medicinaes não tem aguas de que se possa fazer menção. Em partes se cultivava, e o fruto, que custuma dar hé centeyro.

Ao nono artigo do interrogatorio respondo que nesta terra não há Mosteiros alguns, nem Igrejas de Romagem, somente há húa Ermiida ou Capella de Nossa Senhora de Anamão Milagroza aonde concorre muita gente de romagem no dia da sua festividade, que se custuma celebrar em oito de Setembro.

Ao decimo artigo do interrogatorio respondo que o temperamento desta terra hé muito frio, e tem no tempo de Inverno muitas neues e giadas chuvas e uentos.

Ao undecimo artigo do interrogatorio respondo que nesta terra há criações de Gados Vacum, Cabras, Queilhas, Perdizes, Coelhos, Porcos Montezes e Corças

Ao duodecimo artigo do interrogatorio nada.

Ao decimo tercio artigo do interrogatorio respondo, que não há couza digna de memoria.

Ao primeiro artigo do Terceiro Titulo do interrogatorio respondo, que se chama o Rio de Crasto Laboreyro, e este nasce em Lama Redonda, e na Lama das Patricanizas cham de Crasto Laboreyro já referrido.

Ao segundo artigo do interrogatorio respondo, que este Rio de Crasto Laboreyro nasce, e tem seu principio em huas fontes, e corre todo o anno.

Ao terceiro artigo do mesmo interrogatorio respondo, que neste Rio, que hé o principal a respeito dos mais, entrão como accessorios, a saber o rio de Campello, e este se mete no principal em o sítio chamado o Salto do Gato, e o da Ponte das Veygas, se mete nelle em o sítio chamado o Porto do Carro, e o Rio do Barreyro se mete nelle em o sítio da Veyga de Sam Bras.

Ao quarto artigo do dito interrogatorio nada.

Ao quinto artigo do interrogatorio respondo que este Rio principal em toda a parte hé de curso arebatado por cauza dos muitos penhascos, e fragas por onde corre.

Ao sexto artigo do interrogatorio respondo que este Rio corre de Norte para o Sul.

Ao setimo artigo do referrido interrogatorio respondo que este Ryo não cria senão truitas.

Ao oitauo artigo respondo aserca do mencionado interrogatorio que neste dito Ryo não há pescarias continuadas, somente no tempo de Verão pescão nelle alguns curiozos as sobreditas truitas.

Ao nono artigo do dito interrogatorio respondo que a pescaria deste Ryo hé livre em todo o tempo de verão que os sobreditos curiozos querem exercer o tal menisterio.

Ao decimo artigo do interrogatorio respondo, que neste Ryo senão cultivãõ as suas margens, somente ao redor tem algum arvoredo sem fruto, siluestre.

Ao undecimo artigo do interrogatório nada.

Ao duodecimo artigo do interrogatório nada.

Ao duodecimo artigo do interrogatório digo ao decimo tercio artigo do interrogatório respondo, que este Ryo fenece no Ryo de Tibo e entra nelle no pontão da Barga.

Ao decimo quarto respondo que tem algumas Levadas Cachoeiras, e Asudes que lhê impedem ser nauegauei.

Ao decimo quinto artigo do interrogatorio respondo, que o Ryo principal de Crasto Laboreyro tem tres Pontes de Cantaria a saber a primeira no lugar do Rodeyro, a segunda junto a esta Villa chamada a de Ponte Pedrinha a terceira no sítio do lugar da Assureyra. e os Rios accessorios como hé o de Campello tem húa Ponte de pau, e esta fica no sítio do Porto de Campello, e húa de cantaria no sítio de Barziella, e o da Ponte das Veygas tem húa Ponte de cantaria no sítio das mesmas Veygas, e o Rio do Barreyro tem húa Ponte de cantaria no sítio de Sam Bras.

Ao decimo sexto artigo do interrogatório respondo, que tem varios moinhos no circuito desta freguezia, lagares de azeite não tem nenhum, Pioens (sic) tem tres, Noras, ou outro algum engenho nada.

Ao decimo setimo artigo do interrogatorio nada.

Ao decimo artigo digo ao decimo oitauo artigo do interrogatorio, respondo, que os moradores desta terra uzão das suas agoas livremente dellas sem pagarem penção alguma.

Ao decimo nono artigo do interrogatorio respondo que este Ryo tem de comprido por donde corre o seu curso duas legoas e meya, e as pouoações por donde passa, não passa por pouoações distintas, só sim pellos lugares desta freguezia de Santa Maria de Crasto Laboreyro athe chegar ao destrito, onde se mete, ou fenece que hé o rio de Tibo pertencente ao Conselho de Soajo; que hé Villa.

Ao uingezimo artigo do interrogatorio respondo, que não há outra couza digna de memoria, ou notauel, que uã não (sic) expressada neste interrogatorio.

Certifico eu o Padre Inacio Ribeyro Marques Reytor, que sou desta Parochial Igreja de Santa Maria de Crasto Laboreyro da Comarca de Vallença Archebispado de Braga Primás, que na forma da ordem, que me foy aprezentada por mandato do muyto Reverendo Senhor Doutor Vigário Geral da dita Comarca com hum interrogatorio, que no principio desta minha resposta vay copiado. Respondo a [l]odos os artigos do sobre dito interrogatorio sobre a materia nelle contenda de tudo o que me consta e sey de que pra isso [escrevi] a presente, que sendo necessario sera in verbo sacerdotio. Santa maria de Crasto laboreyro de Mayo 11 de 1758.

E vay esta certidão assignada por dous Parochos circunuezhinhos.

[Assinado] R.º Ign.º Rib.º Marquez

[Assinado] O Cura de S.ª Maria de Cuualhão P.º Manoel Gonçalves.

[Assinado] AAbb.º Constantino Dias da p.ª de São João baptista de Lamas de Mouro.

José Domingues

[pequenoinfante@hotmail.com](mailto:pequenoinfante@hotmail.com)



# Cão de Castro Laboreiro – “a cor-do-monte” Pelagem em vias de extinção

## Introdução

Longe dos centros comerciais, das auto-estradas, dos cybercafés, e do ciclone urbano, existe ainda, um outro Portugal Português.

Um Portugal Português com outro compasso, sincronizado com os ancestrais ciclos naturais.

Numa terra outrora rica em costumes, tradições e raças autóctones, vai sobrevivendo ainda o sempre esquecido Cão de Castro Laboreiro.

Raça ainda hoje de sucesso numa das mais antigas ocupações de colaboração com a humanidade, raça de excelente carácter e impressionante rusticidade, outrora com vistosas e funcionais pelagens lobebrias chamadas pelos locais de “cor-do-monte”.

1º **Facto** o Cão desce do lobo, ou seja todas as “raças” de cães descendem de “raças de Lobos”.

2º **Historicamente** o Cão de Castro Laboreiro é um lopoide amastinado, e como canídeo de trabalho, e ancião guardador de gados, e de idosos (lugares Castrejos), é conheci-

do como cão do lobo (deslobos) e do gado (gando) na sua terra.

O Cão de Castro Laboreiro é uma “raça” primitiva, em relação à maioria das outras “raças” caninas!

Quanto menor for a diferença entre o fenótipo/aspecto do Lobo e o fenótipo/aspecto do canídeo mais primitivo é o canídeo/“raça”!

O Cão de Castro Laboreiro é um mastin de média montanha, é um mastin ligeiro, ágil e dinâmico, não é um mastin de alta montanha, gigante, pesado e mais letárgico.

Como cão de montanha e primitivo, a sua pelagem é reflexo da sua ancestralidade e da liberdade reprodutiva.

3º **Culturalmente** é um cão produto da Cultura Castreja, mais propriamente da Cultura Castreja dos Montes de Laboreiro, cujo núcleo, são os limites de Castro Laboreiro, no Norte de Portugal Continental, outrora Concelho e desde finais do séc. XIX, freguesia.

Como particularidade temos que os habitantes de Castro Laboreiro, são conhecidos no concelho de Melgaço, desde tempos longínquos, por bocas negras ou “os da boca negra”,

em virtude do céu-da-boca destes cães.

4º Como incorruptível guardador de gados, o Cão Castrejo foi outrora indispensável e fiel companheiro na vigia e protecção dos gados e dos lugares daquelas populações dos Montes Laboreiro, quer contra predadores selvagens, quer contra estranhos.

Como qualquer bom vigia o disfarce ou camuflagem favorece o desempenho da tarefa (observar sem ser observado), para tal performance a *cor da pelagem* tem um papel fundamental no sucesso da função.

A melhor imagem para realçar a pelagem do Cão de Castro Laboreiro é o lobo, por isso para mim a classificação de “pelagem lobebria” é a que melhor definição.

O lobo Ibérico e os lobos do sul da Europa (mediterrâneo) apresentam em geral pelagens não monocromáticas como sucede com o lobo preto do Canadá e lobo branco do Árctico.

A diversidade cromática do meio ambiente reflecte-se na grande riqueza cromática, de colorações e tonalidades presentes no lobo ibérico.

Por sua vez o Cão de Castro Laboreiro convive no mesmo meio e habitat para ter a mesma componente de sucesso não como caçador/predador mas como guardador/protector em termos de pelagem necessitava indiscutivelmente de uma pelagem equivalente quer em termos de isolamento térmico, quer em termos cromáticos, camuflagem ou disfarce na sua ocupação de guardião dos animais e dos lugares.

A pelagem do Cão de Castro Laboreiro não é uma pelagem unicolor, monocromática.

A pelagem do Cão de Castro Laboreiro é uma pelagem primitiva, tipo selvagem (wild type pigmentation), uma pelagem composta, policromática, heterogénea, uma pelagem mesclada, lobebria, parda, malhada (sem manchas), rajada (com ou sem raias), ou rajada (como dizem os autóctones), ...

Classifico a pelagem do Cão de Castro Laboreiro em 3 variedades\*:

- O Lobeiro Claro,
- O Lobeiro Escuro,
- A “Cor-do-Monte”.

Estas expressões pretendem expressar e descrever pelagens de aparência silvestre, permitindo um disfarce e uma diluição na paisagem.

Surgindo como base um fundo claro, caso do lobeiro claro ou silvestre claro em que dominam os pêlos que dada a sua pigmentação e incidência da luz visível, faz com que os sinais visuais captados pelos nossos olhos e processados pelo nosso cérebro sejam interpretados e classificados como cores; cinzas, cremes, palhas.

Surgindo como base um fundo escuro, caso do lobeiro escuro ou silvestre escuro onde surgem e dominam os pêlos escuros, pretos, cinzas.

### Casos e exemplos:

Um lobeiro claro e ou um lobeiro escuro pode ter outras cores e tonalidades misturadas.

No entanto entendo que devem ser classificado pela pelagem dominante.

Um exemplar pode apresentar uma pelagem lobebria clara numa zona e lobebria escura noutra área e até também cor-do-monte no mesmo exemplar, mas considero que para classificação deverá ser destacada a pigmentação dominante, pois serão muitíssimo raros os casos de uma distribuição cromática proporcional.

A definição ou classificação de cor-do-monte é mais uma das características étnicas do Cão de Castro Laboreiro, uma curiosidade, uma particularidade do Cão de Castro Laboreiro em relação às outras raças caninas autóctones, um topónimo Castrejo, é uma denominação de origem Castreja.

Do meu interesse, estudos e conversas com os mais idosos e entendidos, sempre ouvi acer-

ca desta pelagem, esses são “os legítimos, os genuínos, a verdadeira raça de Crasto”.

Para mim a definição da cor-do-monte é uma pelagem composta, uma mistura de cores e tonalidades num gradiente de distinta beleza visual, onde dominam e se misturam as colorações amarelo-acastanhadas (tipo feio seco, folhas de carvalho e de vido (Vidoeiro) Outonais, num gradiente de amarelo torrado a castanho claro a castanho mais escuro) e avermelhadas (tipo ferrugem, num gradiente castanho avermelhado típicas cores Outonais) mas no qual está mais ou menos presente o cinza e o negro, mas nunca dominantes.

Para entender bem o que é a cor do monte basta percorrer as duas paisagens distintas de Castro Laboreiro (o monte das inverneiras e o planalto – monte das brandas), para observar o conjunto das rochas e da flora local. Por exemplo os carvalhos no final do ciclo anual.

Dadas as alterações climáticas de temperatura e fotoperíodo, a sabedoria da natureza prepara os tecidos das plantas para um novo ciclo vegetativo, reduzindo a actividade fotossintética originando o surgimento de uma nova e vasta paleta cromática Outonal.

Assim as cores amareladas, amarelo-torrado, o alaranjado ferrugento, o castanho avermelhado, o castanho claro ao castanho-escuro estão disponíveis e mescladas na paisagem.

Quem verdadeiramente conhece Castro Laboreiro sabe que as “cores secas” ou cores Outonais ocupam 3/4 do ano e o verde da Primavera ocupa apenas 1/4 do ano.

Sabendo que o substrato granítico e os afloramentos rochosos, revestidos de líquenes utilizam a paleta dos cinzas e negros ficamos a saber quais as necessidades cromáticas e funcionais para boa camuflagem do mastin Castrejo.

(continua)

Pedro Santa Rita.

## Publicidade


**Cafe Bar Disco Pub**

**CASINO**

Tu Lugar Preferido de Copas  
RESTAURANTE

C/Camiño da Igreja nº 4  
Terrechan ENTRIMO  
ORENSE

Telef.: 0034 988 434 914



**Dierum**

Educacão de Infância, Lda.

Educacão de Infância dos 0 aos 6 anos

Rua Santa Justa, 29 - 4700 Braga  
Telef. 253 215 891 - Fax (253) 217 540

# Festa Cultural de Castro Laboreiro

## 14 e 15 de Agosto 2004

### Ficha Técnica

#### Propriedade

Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro

#### Direcção

José Domingues  
Américo Rodrigues

#### Direcção Comercial

Paulo Azevedo  
Sérgio Domingues

#### Colaboram

nesta edição

Manuel Domingues

Pedro Santa Rita

Sandra Rodrigues

#### Impressão

Humbertito

Artes Gráficas, Lda.

Rua do Freixo, 643  
4300-215 PORTO

Depósito Legal  
N.º 206591/04

#### Participa

À redacção de:

Porto dos Cavaleiros  
4960-061

Castro Laboreiro

portocavaleiros@hotmail.com



Novos

Castro Laboreiro engalanou-se para receber mais uma manifestação cultural. A riqueza impar dos seus costumes e das suas tradições fez com que várias centenas de pessoas se tivessem deslocado ao lugar da Vila, durante os dois dias da festa. Os vários eventos apresentados contagiaram crastejos e forasteiros. Do programa constou:

- Feira mostra de produtos típicos, com vários expositores;
- Lançamento do livro do Dr. Manuel Domingues, natural do lugar de Varzea Travessa, "Uma Campanha na Guiné";
- 3º Congresso de História Local, dedicado ao Megalitismo na serra do Laboreiro, organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro, que reuniu alguns dos melhores especialistas de Galiza e Portugal;

- Concurso tradicional do cão de Castro Laboreiro, o mais antigo do País;
- Danças tradicionais, com 3 grupos de "bailhe" (Grupo Etnográfico, "Os do Ribeiro", "Os mais velhos de Crasto")
- Acordes e concertinas;
- Desfile de trajes tradicionais;
- Coreografia representando uma *Carpeada Crasteja*, onde não faltaram as cantigas e as maçãs verdes;
- Forrada de pão, no forno comunitário do lugar da Vila
- Baile típico, que fechou o evento.



Apresentação do Livro do Dr. Manuel Domingues

Classificação do Concurso Cão Castro Laboreiro - 2004

Melhores Exemplares			
<b>Animal</b>	<b>Proprietário</b>	<b>Premio</b>	
1º Estrela (Fêmea)	Américo RodriguesOuteiro	250 Euros em veterinário + 1 saco ração	
2º Boby (Macho)	Almerinda "Caravela"Falagueiras	100 Euros em veterinário+ 1 saco de ração	
<b>Adultos</b>			
<b>Machos</b>	<b>Proprietários</b>	<b>Premio</b>	
1º Boby	Almerinda "Caravela" - Falagueiras	Estatueta	
2º Lupo	Paulo Moia Leite - Braga	Medalha	
3º Douro	Armandino Monteiro - Vila		
<b>Fêmeas</b>	<b>Proprietários</b>	<b>Premio</b>	
1º Estrela	Américo Rodrigues - Outeiro	Estatueta	
2º Loba	Armandino Monteiro - Vila	Medalha	
3º Chula e Coimbra	Roberto Rodrigues - Rodeiro		
<b>Cachorros</b>			
<b>Machos</b>	<b>Proprietários</b>	<b>Premio</b>	
1º Douro	Delfina Fernandes - Vido	Estatueta	
<b>Fêmeas</b>	<b>Proprietários</b>	<b>Premio</b>	
1º Mondega	Maria Domingues - Campelo	Estatueta	



3.º Congresso de História Local



Vencedores do Concurso



urbegás

LIGAÇÕES PARA GÁS NATURAL - REPARAÇÕES E ASSISTÊNCIA  
SISTEMAS DE AQUECIMENTO - APARELHOS A GÁS  
ESTUDOS E PROJECTOS - REDES DE GÁS

RUA DOS SAPATELOS, Nº 46-A  
S. VICTOR - 4710-441 BRAGA  
TEL. 253 257 777 / FAX. 253 257 776

**Miradouro do Castelo**  
Restaurante Churrasqueira  
www.miradourodocastelo.com

Actividades de Lazer Turismo Rural  
Vila - 4960/061 Castro Laboreiro  
Telf/Fax: 251 465 469 Telm: 939 579 439

HOTEL TURISMO BRAGA \*\*\*\*\* HOTEL CARANDÁ \*\*\*

NO CENTRO DA CIDADE DE BRAGA

Reservas: Tef.: 253 206 000 \* Fax.: 253 206 010  
www.hotelismobraga.com \* www.hotelcarandá.com